This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07024214 8

RHP
Andrade

NOVO METHODO ECLECTICO DE LEITURA

TERCEIRO LIVRO

DE

LEITURA.

PELA PROFESSORA

MARIA GUILHERMINA LOUREIRO DE ANDRADE

AMERICAN BOOK COMPANY

NEW YORK ·:· CINCINNATI ·:· CHICAGO

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
773199A
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS
R 1935 L

Copyright, 1895 and 1896, by
AMERICAN BOOK COMPANY.
Todos os direitos reservados.

Port. 3d Reader.
W. P. 13

CONTEUDO.

Lição		Pagina
I.	A Pomba de Emmanuel	11
II.	Como se deve ler. I.	16
III.	A Seringueira e o Sobreiro	19
IV.	O Papagaio	22
V.	Como se deve ler. II.	27
VI.	O Canto e a Folha	31
VII.	Uma Historia Muito Velha	34
VIII.	Como se deve ler. III.	38
IX.	As Formigas	41
X.	Como se Escreve Uma Carta	45
XI.	As Abelhas	49
XII.	A Filha do Pharol. I.	52
XIII.	A Filha do Pharol. II.	54
XIV.	Como se deve ler. IV.	59
XV.	Não-Posso, Não-Quero, e Vou-Experimentar	61
XVI.	A Lição de Botanica	66
XVII.	Uma Carta da Roça	69
XVIII.	As Plantas. — A Raiz	71
XIX.	Como se deve ler. V.	75
XX.	Tomai Cuidado com as Coisas Pequenas	78
XXI.	As Plantas. — As Folhas	81
XXII.	Segunda Carta da Roça	86
XXIII.	Como se Faz a Seda	87
XXIV.	Uma Conversa a Respeito do Café	91
XXV.	O Melhor Presente	95
XXVI.	Lagrimas Divinas	100
XXVII.	Armadilha Exquisita	102
XXVIII.	A Oração da Infancia	108
XXIX.	O Algodão	110
XXX.	Carta de Milota	116
XXXI.	Resposta de Mariquinhas	117
XXXII.	O Assucar	119
XXXIII.	As Plantas. — A Flor. I.	123

LIÇÃO PAGINA
XXXIV. As Plantas. — A Flor. II. 126
XXXV. Não-me-deixes 131
XXXVI. A Magnolia 133
XXXVII. As Plantas. — O Fructo 136
XXXVIII. Abou e o seu Cavallo 141
XXXIX. A Morte e o Lenhador 147
XL. O Leão e o Rato 149
XLI. A Panella de Ferro e a Panella de Barro 151
XLII. As Plantas. — A Semente 154
XLIII. O Passarinho Preso 158
XLIV. O Rio e o Regato 162
XLV. A Lição de Cór 165
XLVI. A Creança 167
XLVII. A Superioridade do Homem. I. 170
XLVIII. A Superioridade do Homem. II. 172
XLIX. A Avó 176
L. A Cidade da Luz 179
LI. As Chinelas de Ayaz. I. 181
LII. As Chinelas de Ayaz. II. 185
LIII. As Chinelas de Ayaz. III. 190
LIV. As Chinelas de Ayaz. IV. 194
LV. As Chinelas de Ayaz. V. 198
LVI. Historia de José 203
LVII. Historia de David 211
LVIII. Historia de Sansão 218

POESIAS.

A Vida Humana 226
A Mangueira 228
O Vagalume 229
A Esmola do Pobre 231
O Brazil 233
As Borboletas Azues 234
Setta e Canto 235
Conselho 235

Prefixos e Suffixos 237

AOS MESTRES.

Este "Terceiro Livro de Leitura" compõe-se de lições de leitura instructiva, cuidadosamente escolhidas do que havia de mais appropriado aos nossos meninos nos livros patrios e nos americanos, tão ricos em bem tratados assumptos de educação escholar.

Forão empregados os maiores esforços para que nelle encontrassem os meninos um alimento mental, são e agradavel.

Como o progresso do alumno em todos os outros ramos de ensino depende da facilidade e da rapidez com que elle comprehende o que está nos livros, segue-se que a leitura é o mais importante de todos os exercicios da eschola.

Para que os mestres novos consigão bons resultados em leitura, offerecem-se-lhes aqui as seguintes suggestões: —

Não consentir que o alumno fique recostado. Deve estar em pé ou assentado com o corpo direito, n'uma posição elegante e commoda.

Exigir que as palavras sejão distinctamente pronunciadas.

Não esperar que o alumno leia intelligentemente um trecho, emquanto elle não souber a significaçãc das palavras novas.

Não deixar que o alumno leia palavras de que não entenda a significação.

Não consentir que o alumno seja indolente e monotono em ler, mas que o faça com a mesma variedade de expressão que na conversação.

Não se descuidar da poesia. Para ler-se não é mais difficil que a prosa, e é muito mais bella.

Fazer os alumnos escrever, soletrar e accentuar todas as palavras novas, que vem no fim das lições.

Lembrar-se de que exemplo e practica valem mais que conselho e regra.

LIÇÕES DE LINGUAGEM.—Quanto a estas lições, devem ellas ser escrupulosamente seguidas. O tempo e o trabalho nellas despendidos serão com juros compensados.

COMO SE DEVE LER.—Estas lições são de summa importancia. Devem ser lidas e repetidas até que o alumno se compenetre bem de seu conteudo, e siga suas instrucções nas lições que as seguem.

As illustrações são obra dos melhores artistas americanos, preparadas especialmente para livros de educação.

DEFINIÇÕES.

(PARA CONSULTA.)

SENTENÇA é uma ou mais proposições formando sentido perfeito e terminando por ponto final.

Toda sentença começa por letra grande.

PROPOSIÇÃO ou **ORAÇÃO** é a expressão de um juizo. Consta de sujeito, verbo, attributo ou predicado com ou sem complementos.

SUJEITO é a palavra que representa a pessoa ou coisa de que se affirma alguma coisa, ou que faz a acção.

VERBO é a palavra que exprime a existencia do attributo no sujeito, ou a acção.

ATTRIBUTO é palavra que representa aquillo que se affirma do sujeito.

COMPLEMENTO é uma ou mais palavras que completão o sujeito e o attributo.

NOME é toda a palavra que representa pessoa, animal, logar ou coisa.

ADJECTIVO qualificativo é a palavra que exprime a qualidade do nome.

SONS VOGAES ORAES.

O A TEM TRES SONS.

a aberto	chá, vale.
a fechado	amo.
a mudo	tinta.

O E TEM TRES SONS.

e aberto	velho, café.
e fechado	mercê.
e mudo	fonte.

O I TEM DOIS SONS.

i aberto	vime.
i fechado	astucia.

O O TEM TRES SONS.

o aberto	pó, amora.
o fechado	pôr, fome.
o mudo	pato.

O U TEM DOIS SONS.

u aberto	lume.
u fechado	angulo.

SONS VOGAES NASAES.

am, an, ã	ambos, tantos, sã.
em, en, e	embora, entre, que.
im, in	impôr, invento.
om, on	sombra, ponte.
um, un	cumprir, fundo.

SONS CONSOANTES.

b	bomba.
c, ç, s	cinto, baço, sabe.
d	dado.
f, ph	fogo, phrase.
g, gu	gago, guia.
j, g	jejum, gente, ginja.
k, c, q, ch	kagado, côr, que, monarcha.
l	lula.
m	mimo.
n	nona.
p	pipa.
r, rr	rosa, arroz.
r	arado.
t, th	tirar, thesouro.
v	vivo.
x, ch	xará, chicara.
z, s	aza, peso.
nh	senhor.
lh	colher.

Labiaes	b, m, p.
Labiaes-dentaes	f, v.
Linguaes-dentaes	d, t.
Linguaes-palataes	c, g, j, k, l, n, q, r, s, x, z.

PONTUAÇÃO.

O **ponto** (.) põe-se no fim de uma affirmação ou de uma ordem.

Tambem se emprega como signal de abreviatura.

O **ponto de interrogação** (?) põe-se no fim de uma pergunta.

O **ponto de exclamação** (!) põe-se no fim de uma exclamação.

Tambem se emprega depois de uma interjeição, como, Ai! Oh!

A **virgula** (,), o **ponto e virgula** (;) e os **dois pontos** (:) usão-se para separar as partes de uma sentença.

O **traço** (—) emprega-se para indicar uma interrupção repentina ou uma alternação no pensamento expresso por uma sentença.

O **parenthesis** ( ) emprega-se para encerrar uma palavra ou sentença explicativa.

O **traço de união** ou **hyphen** (-) emprega-se entre as partes de uma palavra composta; como, **arco-iris**: ou no fim de uma linha, quando parte da palavra é levada para a linha seguinte.

A **virgula dobrada** ou **aspas** ("") se empregão para encerrar citações; como: "Tenho vontade de aprender," disse Maria.

O **apostropho** (') emprega-se para indicar que se omittiu uma letra; como, *d'este* por *de este, co'as armas* por *com as armas, p'ra que* por *para que.*

TERCEIRO LIVRO

DE

LEITURA.

LIÇÃO I.

A POMBA DE EMMANUEL.

1. Emmanuel Rocha um dia que foi apanhar goiabas no campo, achou uma pombinha com a aza quebrada. Trouxe-a para a casa e ligou-lhe cuidadosamente a aza, unindo-a bem ao corpo com uma tira de panno. Em poucos dias a aza sarou e a pombinha poude voar como dantes; mas não quiz voar para ir-se embora, não deixou Emmanuel, porque tinha ficado muito mansa. Emmanuel sentiu-se muito satisfeito, quando viu que a pomba não queria deixal-o, porque não possuia outro animalzinho de estimação, nem sua mãe podia comprar-lhe brinquedos.

2. Quando elle sahia a apanhar goiabas, lá ia tambem a pombinha pousada no seu hombro. Emmanuel poz-lhe o nome de

Catita, ensinou-lhe a acudir, quando a chamasse, e a comer na sua mão. De noite, ás vezes, ella empoleirava-se na cabeceira da cama de Emmanuel.

3. D'ahi a tempos, cahiu doente a mãe de Emmanuel. Não tinha ninguem que a tratasse senão o filho, e aggravando-se a molestia todos os dias, a ponto de não poder comer coisa alguma, Emmanuel teve de chamar um medico para vel-a.

4. "Ella ficará boa só si tiver bom alimento," disse o doutor. "Deve tomar canja de gallinha ou caldo de carne."

5. Emmanuel não tinha dinheiro para comprar carne; porque sua mãe era muito pobre. Lembrou-se logo de sua pombinha. Sabia que havia de dar bom caldo, mas elle não tinha coração de matal-a.

6. Tomou a coitadinha e levou-a a uma visinha que morava defronte. "Faça o favor," disse elle, "de matar minha pombinha e fazer d'ella um caldo para minha mãe; porque ella está muito doente e não tem nada para comer."

7. Depois correu depressa para a casa, e procurou não pensar mais na sua querida

pombinha. Não queria que a mãe o visse chorar, porque então ella não havia de consentir que matassem a pombinha.

8. Uma hora depois a visinha trouxe uma boa tigella de caldo quente, e depois de tomal-o, a mãe de Emmanuel sentiu-se muito melhor.

9. "Hei de trazer-lhe mais amanhã," disse a mulher. "Hei de trazer-lhe caldos até que a senhora fique perfeitamente boa."

10. Emmanuel acompanhou a vizinha até á porta, quando ella sahiu, e disse-lhe de maneira que sua mãe não o ouvisse, que elle não tinha mais pombas e que não sabia como havia de arranjar carne para fazer mais caldo. Mas antes que a visinha pudesse fallar, ouviu-se um bater de azas e Catita entrou voando e foi pousar no hombro de Emmanuel!

11. "Está vendo que não matei a sua pombinha," disse a mulher. "Matei uma gallinha para fazer o caldo, e tenho ainda muitas em casa. Você é um bom menino, porque levou-me a sua pombinha de estimação para que eu a matasse e fizesse caldo para sua mãe."

12. Como estava alegre Emmanuel! Queria muito mais bem a sua pombinha depois que ella tinha voltado. Sua mãe não soube senão quando ficou boa de todo, que estivera quasi a comer a pobre Catitinha.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Ligou panno sarou estimação cabeceira tira pousada empoleirar molestia medico aggravando alimento canja caldo coração visinha.

LINGUAGEM.

Que vê na gravura? Como está a mulher? O menino? A pomba? Onde estão? É casa de gente rica? Porque pensa assim? Que especie de ave é a pomba? Que nome tem os filhotes das pombas? Diga tudo o que sabe a respeito das pombas.

LEITURA.

Era a pomba nova ou não? Porque ligou Emmanuel a aza da pomba unindo-a bem ao corpo? Que é uma tira de panno? Porque não queria a pomba ir-se embora? Porque ficou Emmanuel satisfeito quando viu que a pomba queria ficar com elle? Porque não tinha elle animaes de estimação nem brinquedos? Porque começa a palavra Catita por letra grande? Que disse o doutor? Que alimento é bom para os doentes? Porque não comprou Emmanuel uma gallinha? Porque não matou elle mesmo a sua pombinha? Quem é visinho de outra pessoa? De que modo a mulher que fez a canja de gallinha mostrou que é uma mulher boa? Que signal ha no fim do decimo paragrapho? Que indica? Ha nesta lição outros signaes da mesma especie? Si ha, diga o que indica cada um. Escreva dez sentenças de sua composição empregando em cada uma d'ellas uma das palavras novas d'esta lição.

RECORDAÇÃO.

Escrever tudo o que se lembrar a respeito de Emmanuel e de sua pombinha.

Escrever tudo o que sabe a respeito de pombas. De quantas maneiras mostrou Emmanuel ter bom coração? Que outras qualidades boas tinha Emma-

nuel? Copiar as palavras desta lição que signifiquem só uma pessoa ou uma coisa.

Copiar as palavras que signifiquem pessoas ou coisas no grau diminutivo.

LIÇÃO II.

COMO SE DEVE LER. I.

[A mestra lê e explica a lição antes de mandar ler os meninos.]

Até aqui tem aprendido a reconhecer á primeira vista um grande numero de palavras. Tem aprendido a soletral-as e a escrevel-as. Tem aprendido mais ainda, que é a separar as syllabas das palavras que têm mais de uma. Ora, de que serve aprender a separar as syllabas de uma palavra? Aprendem a separar as syllabas de uma palavra para poder pronuncial-a correctamente.

Aqui está uma palavra que todos sabem—"margarida." Quando estudou esta palavra aprendeu que a primeira syllaba era "*mar*," a segunda "*ga*," a terceira "*ri*," e a quarta "*da*."

Mas agora que *conhecem* a palavra dizem ainda, quando a pronunciam, "mar" e

param, e depois continuem e dizem "ga," param outra vez, e depois dizem "ri," e depois "da"?

Oh! não é assim que lêem? Bem, então como é que dizem?

Sim falam todas as syllabas juntas como *uma só palavra*—"margarida."

Assim tambem lendo um grupo de *palavras*, devem primeiro saber pronunciar todas as palavras do grupo, e depois reunil-as todas como um *dicto*, *uma idéa*, como: "Este—livro—é—meu." "Esta—é—a—nossa—sala—de—aula." "De—quem—é—aquella—linda—boneca?" "Onde—tem—estado—hoje?"

Quando lêem uma columna ou uma linha de palavras para aprender a pronuncial-as ou reconhecel-as rapidamente á primeira vista, não passa isso de leitura de palavras. Mas quando têem um grupo de palavras reunidas de modo que façam sentido, isto é leitura do *sentido* ou *leitura intelligente.*

Si quizessem dizer-me: "Esta é a nossa sala de aula," não iam dizer "esta" e parar, e começar de novo a dizer "é" e

parar, e continuar outra vez "a," e depois "nossa," e depois "sala," e depois "de," e depois "aula;" mas diriam as palavras de modo que todas corressem junctamente e fizessem o que podemos chamar uma *palavra-sentido.*

Si não sabem todas as palavras em uma *palavra-sentido*, devem estudal-as até saber. Da mesma maneira que estudam as syllabas de uma palavra afim de pronunciar essa palavra correctamente; assim tambem devem estudar as palavras de uma *palavra-sentido*, afim de pronuncial-a correctamente. Como pronunciam as syllabas junctas para fazer uma palavra, assim tambem devem falar as palavras junctas para fazer a *palavra-sentido*, que é mais extensa.

Copiar as palavras seguintes e dividir-lhes as syllabas.

Emmanuel estimação empoleirava goiaba pombas molestia cuidadosamente matasse avesinha.

Reunir as palavras seguintes de modo que façam sentido.

Uma voou arvore carriça a de bella.

Gaiola entrou minha lindo na canario um.

Boa de era uma menino visinha a Emmanuel mulher.

Doentes os para caldos de servem gallinha os.

LIÇÃO III.

A SERINGUEIRA E O SOBREIRO.

1. Meninos, sabiam que a borracha de que são feitas as suas galochas e as suas bolas fôra dantes a seiva branca de leite de uma arvore? A seringueira ou arvore de borracha dá nos nossos matos. Muitos homens se empregam todos os annos em tirar a seiva dessas arvores e della fazer borracha.

2. Dão-se talhos fundos na casca da seringueira e colloca-se uma caneca ou um vaso em baixo de cada corte. Um liquido côr de leite goteja e cae no vaso. Depois que o vaso está cheio, entorna-se sobre um grande taboleiro de barro ou de taboa, no qual gruda-se como gomma.

3. Em seguida põe-se este succo sobre uma fogueira feita de côcos. Destes côcos

queimados eleva-se uma fumaça densa e negra, que dá á seiva, que já então está dura e secca, a côr escura que tem a borracha.

4. Ha tantas coisas feitas de borracha que si fosse a descrevel-as faria uma lista muito longa. Capas, galochas, pentes,

bolas e até mesmo barracas, botes e pontes se fazem de borracha. Lembram-se de mais alguma coisa?

5. A cortiça é a casca grossa de uma arvore chamáda sobreiro, que dá em alguns paizes da Europa. Não é tão util como a borracha; mas comtudo não podemos dispensal-a.

6. Quando o sobreiro tem vinte e cinco annos, a casca fica muito grossa, e a parte externa póde-se tirar sem damnificar a arvore. Dão-se então dois talhos fundos na casca, desde o chão até onde começam os galhos.

7. Depois dão-se mais tres talhos em redor do tronco. Bate-se então a casca de leve até que ella fique frouxa, e despegue-se facilmente. A isto chama-se *messar os sobreiros.*

8. A primeira camada da cortiça é grossa e cheia de olhos, só serve para poucas coisas, taes como grandes boias, redes de pescar, e outros objèctos semelhantes. A segunda ou terceira camada é que é bastante fina para fazerem-se as rolhas.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Seringueira sobreiro borracha seiva galochas rolhas despegue-se talhos liquido goteja Europa

barro messar succos côcos frouxa boia camadas barracas pontes exportada damnificar dispensar cortiça.

LINGUAGEM.

Que é a seringueira? Em que paiz dá? Onde fica o Brazil? Que parte nos é util? Nomeai as partes principaes de uma arvore. Que outros vegetaes conhece? Como se tira a borracha? Como se prepara para a exportação? Que utilidade tem a borracha? Que é cortiça? Onde dá o sobreiro? Onde fica a Europa? Para que serve a cortiça. Como se tira da arvore? Quando?

RECORDAÇÃO.

Escrever cinco nomes de coisas feitas de borracha; de cortiça.

Escrever uma lista de arvores uteis.

Porque é cada uma importante?

Copiar uma pergunta do primeiro paragrapho.

Copiar uma sentença do setimo paragrapho e mudal-a em pergunta. Mudar para o singular a ultima sentença do primeiro paragrapho. Copiar os verbos do segundo paragrapho e dizer em que tempo estão.

LIÇÃO IV.

O PAPAGAIO.

1. Tenho um papagaio verde que é um discipulo muito esperto. Sabe assoviar e falar, rir e chorar, tussir e espirrar. Sabe

miar como um gato e ladrar como um cão. Gosta de balançar-se na argola da gaiola, e sabe trepar tão bem como o gato mais ligeiro.

2. Meu Loiro serve-se de seu grande bico recurvado para trepar mais facilmente, e bem forte que deve ser o seu bico. Si o atormento, preciso tomar cuidado para que não me dê bicadas com elle.

3. Meu Loiro gosta muito de assucar, bolachas e amendoas, especialmente de nozes. Havia de ver com que delicadeza elle limpa a amendoa toda da casca, segurando geitosamente no poleiro com um pé, emquanto com o outro e com o bico forte e agudo vai tratando de comer.

4. Ás vezes por brinquedo vestimos a Meu Loiro com a capa e o chapéo da boneca. É muito engraçado vel-o metter-se a gaiato e pavonear para lá e para cá no assoalho

como uma moça faceira. Deveras, ultimamente metteu-se-lhe em cabeça que a capa e o chapeo eram seus.

5. Ha dias elle achou D. Boneca no sofá, muito bem vestida; e que pensa que elle fez? Arrastou para o chão a pobresinha, com o bico desatou os cordões da capa, arrancou-a e escondeu atraz da estante. Que brejeiro!

6. A voz do papagaio não é agradavel. Todas as palavras têm o mesmo tom: na sua voz não ha "altos e baixos." Assim quando alguem falla ou lê pronunciando todas as palavras no mesmo tom, como si não soubesse sua significação, dizemos que falla ou lê "como um papagaio."

7. Naturalmente, Meu Loiro não en-

tende, como nós, a verdadeira significação das palavras,—como é possivel isso? Mas é muito provavel que em muitos casos esta ave intelligente tenha alguma ligeira noção do sentido de suas falas.

8. Já ouvi falar de um papagaio ao qual tinham ensinado em duas linguas, portuguez e hespanhol. Si o dono falava-lhe em portuguez, elle respondia em portuguez; mas si lhe falava em hespanhol, com certeza respondia em hespanhol.

9. Sabia tambem uma canção hespanhola, mas não a cantava nunca senão quando lh'o pediam em hespanhol. Assim vêem que este papagaio sabia alguma coisa a respeito de duas linguas, e nunca as misturava quando falava. Para uma ave não é muito saber?

10. Penso que o papagaio é uma ave de estimação muito divertida. É certamente muito melhor ouvir a voz de um papagaio do que nenhuma. Si já leram a historia de Robinson-Crusoé, hão de saber que na ilha onde naufragou, elle não ouviu por muitos annos a voz de pessoa alguma.

11. Não é de admirar que elle ensinasse

seu papagaio dizer, "Robinson-Crusoé! Robinson-Crusoé! Pobre Robinson-Crusoé!"

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Papagaio noção lingua portuguez Loiro recurvado hespanhol assoviar argola assucar amendoas nozes gaiato faceira geitosamente delicadeza pavonear misturava ilha brejeira Robinson-Crusoé naufragou provavel tom ave canção.

LINGUAGEM.

De que côr é meu papagaio? Que sabe fazer? Onde gosta de balançar-se? Como sabe trepar? Como se chama? Para que serve seu bico recurvado? Que faz elle quando o atormentam? De que gosta Meu Loiro? Como tira a amendoa da casca? Como o vestimos? Que faz depois de vestido? A quem pensa elle que pertencem a capa e o chapéo? Que fez com a boneca?

RECORDAÇÃO.

Fazer uma lista dos verbos do primeiro paragrapho e dizer em que tempo e modo estão.

Mudar as sentenças do segundo paragrapho do singular para o plural.

Formar cinco derivados de palavras do terceiro paragrapho.

Escrever o que sabe a respeito do papagaio.

Contar alguma anecdota.

LIÇÃO V.

COMO SE DEVE LER. II.

[A mestra lê e explica a lição antes de mandar ler os meninos.]

Já aprenderam a conhecer as syllabas de uma palavra, a dar o som proprio a cada letra dellas, aprenderam muito, mas ainda não tudo o que é necessario afim de saber pronunciar perfeitamente a palavra.

Antes de poder fazer isto ha mais uma coisa a aprender:

Ouçam!—"Lápis," "lapís!" Podem dizer qual é a differença entre as duas maneiras de que pronunciei aquella palavra? Sim, da primeira vez que a pronunciei, falei a primeira parte ou a syllaba "la" com mais força do que a segunda, e da segunda vez falei a ultima syllaba "pis" com mais força do que a primeira. Ora, podem dizer-me qual é o modo certo de pronunciar a palavra?

O primeiro modo é o certo.

Esta pronuncia de uma syllaba da palavra com mais força do que a que se dá ás outras chama-se *accento-tonico.*

E dizemos que a syllaba assim pronunciada com mais força é *accentuada.*

Na palavra "*lapis*" vemos que a primeira syllaba deve ser accentuada. Na palavra "ba-tá-ta" vemos que a segunda syllaba é accentuada. Na palavra "pro-cu-róu" vemos que a terceira syllaba é accentuada. Conforme o lugar da syllaba accentuada as nossas palavras dividem-se em *agudas*, quando a ultima syllaba é accentuada; *graves*, quando o accento tonico está na *penultima;* e *exdruxulas*, quando o accento tonico está na *antepenultima.*

Exemplo de palavra aguda, *Pará.*

Exemplo de palavra grave, *para.*

Exemplo de palavra exdruxula, *tonico.*

Podem dizer que syllabas destas palavras têm accento tonico e portanto quaes são agudas, graves ou exdruxulas? Leiam: Dedal, tapete, talvez, syllaba, permitte, lembrar, entre, accento, deixa, politica, malicia, assim, correr, partir.

Na primeira destas lições aprenderam que um grupo de palavras formando sentido, não deveria ser lido com uma pausa

depois de cada palavra, assim: "Este, livro, é, meu;" mas que deveria ser lido deste modo: "Este-livro-é-meu," ou como uma *palavra-sentido.* Aprenderam tambem que uma parte ou syllaba de uma palavra deve ser pronunciada com mais força do que as outras; e agora vão aprender que do mesmo modo, nas palavras-sentidos mais longas, ha alguma palavra que deve ser pronunciada mais alto e com mais força do que as outras, para mostrar o sentido do que se diz, como: "Esta-é-a-sala-do-recreio." "Você-viu-os-passarinhos?" "Sim,-eu-os-vi." "Que-estavam-fazendo?" "Estavam-comendo."

Este tom mais alto sobre uma palavra em um grupo de palavras chama-se *emphase;* como: "Esta-é-a-nossa-sala-de-aula." Que é uma sala não é tudo o que querem dizer-nos. Ha muitas especies de sala no mundo; e assim é preciso que dêem emphase em *aula*, afim de dizer-nos justamente que *especie* de sala é.

Quando se lêem essas palavras mais alto que as outras,—isto é, quando são emphaticas,—o verdadeiro sentido do que se

diz ou se lê, torna-se mais patente á nossa observação.

A maior força com que pronunciamos uma parte de uma *palavra-sentido*, chama-se *emphase*.

Ha palavras cuja syllaba accentuada é indicado por um accento agudo (´) ou accento circumflexo (^), como: *avó*, avô. O accento tonico não tem signal especial que o represente na escripta.

A emphase de uma palavra tambem é só indicada pelo sentido; mas quando si quer represental-a na escripta, traça-se uma linha embaixo da palavra; e em letra de imprensa imprime-se a palavra em *italico*.

Copiar as seguintes palavras, dividil-as em syllabas e sublinhar as syllabas accentuadas.

Tinteiro syllaba Colombo acreditar comportamento copia justamente.

Copiar as sentenças seguintes e sublinhar as palavras emphaticas.

"Estou agora lendo o Terceiro Livro de Leitura."

"Sabem soletrar todas as palavras da lição?"

"Diz Alberto que na arvore só havia um passarinho, mas eu creio que havia dois."

LIÇÃO VI.

O CANTO E A FOLHA.

Suave endeixa encontrada
Na vaga aerea soidão
Com verde folha arrastada
Pela mesma viração,

Perguntou-lhe: "Folha bella,
Que fazes pela amplidão?—
E aonde vais?—lhe torna aquella,—
Dos ventos no turbilhão?"

Responde o canto: "Partido
De lyra do coração,
Nos ares vago perdido,
Perdido suspiro em vão."

Torna-lhe a folha: "Cahida
De verde galho no chão,
Fui de repente colhida
Dos ventos pela traição.

"Leva-nos ares em fora
A mesma invisivel mão,
Que deu-me o orvalho da aurora
E deu-te o do coração.

"Fria brisa que me arrasta
De seu capricho á feição,
Tambem das cordas afasta
A filha da inspiração.

"E emquanto em rama viscosa
Novas folhas brotarão,
E em lyra branda e mimosa
Ledos sons de outra canção,

"Tu d'echo em echo te enleias,
Eu de tufão em tufão;
Eu seccarei nas areias,
Tu morrerás n'amplidão."

THEOPHILO DIAS.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Suave endeixa vaga aerea soidão viração amplidão turbilhão lyra vago suspiro traição

invisivel orvalho aurora brisa feição afasta rama inspiração brotarão branda ledos echo tufão enleias.

Os meninos copiem as quatro primeiras quadras e as meninas as outras quatro.

Decorar o poema.

LINGUAGEM.

Como era a endeixa? Com quem foi ella encontrada? Onde? Como era a soidão? Como era a folha? Por quem fôra arrastada? Que pergunta fez a endeixa á folha? A folha que perguntou á endeixa? Que respondeu o canto? Que tornou a folha a dizer?

Respostas em prosa.

Formar um dialogo com os versos.

O Canto.—Ora diz-me folha bella,
Que fazes pela amplidão?

A Folha.—Tambem tu, aonde vais
Dos ventos no turbilhão?

O Canto.—Queres saber? Bem. Partido
De lyra do coração,
Nos ares vago perdido,
Perdido suspiro em vão.

A Folha.—Triste de mim! que cahida
De verde galho no chão,
Fui de repente colhida
Dos ventos pela traição.
Leva-nos ares em fora
A mesma invisivel mão,
Que deu-me o orvalho da aurora.

O Canto. — E deu-me o do coração.

A Folha. — Fria brisa que me arrasta
De seu capricho á feição.

O Canto. — Tambem das cordas afasta
O filho da inspiração.

A Folha. — Tu de echo em echo te enleias.

O Canto. — Tu de tufão em tufão.

A Folha. — Eu seccarei nas areias.

O Canto. — Eu morrerei n'amplidão.

Dizer alguma coisa sobre o autor do poema, e outros poetas que conheçam.

Notar algumas qualidades que distinguem a poesia da prosa—como o emprego da letra grande no principio de cada linha do verso, a extensão das linhas, a rima, etc.

LIÇÃO VII.

UMA HISTORIA MUITO VELHA.

1. Esta lindissima historia escripta ha quasi dois mil annos, é a de um principesinho, chamado Ramá. Era Ramá uma creança muito bonita, e quando estava dormindo em seu berço todo branco parecia uma flor a fluctuar sobre as aguas do grande rio. Foi crescendo e quando já podia correr era as delicias de sua mãe e a alegria de seu pae.

2. Uma noite viu Ramá a lua brilhante cheia em toda a sua belleza, e quiz brincar com ella como com um de seus brinquedos. E estendeu as suas duas mãosinhas para a lua, procurando agarral-a. Mas a mãe não entendia o que elle queria e ficou na maior afflicção.

3. Perguntou-lhe muitas vezes o que queria, e elle continuava a apontar para a lua. Por fim ella comprehendeu o que elle desejava e disse-lhe: "Não chora por causa da lua, meu bem, ella está a muitas leguas longe de nós, e não ha menino que

possa pegar n'ella para brincar. Mas vou buscar para ti umas joias que são ainda mais brilhantes que a lua, e com que podes brincar."

4. E trouxe pedras preciosas de uma belleza deslumbrante, e pol-as deante do menino: mas Ramá zangado atirou-as fóra e chorou desesperadamente, até que se lhe inflammaram os olhos e ficaram vermelhos de tanto chorar.

5. Então vieram muitas mulheres que o rodearam e procuraram acalental-o, mas nenhuma poude socegal-o. Uma dizia: "Talvez esteja com fome;" mas elle não queria provar comida alguma. Dizia outra: "Pode ser que seja somno;" e tomava-no ao collo e ninava-o com uma cantiga; mas elle continuava a chorar e não queria ouvir o que ella cantava.

6. Sua mãe afflicta mandou chamar o rei, seu pae, que, quando soube que o filho estava doente, veiu o mais depressa que poude ver o seu querido filhinho e procurou todos os meios de consolal-o. Mas não poude fazer mais que os outros tinham feito antes d'elle; porque Ramá con-

tinuava sempre a chorar, e não attendia a coisa alguma.

7. Então o rei mandou chamar o commandante em chefe dos seus guardas e explicou-lhes tudo a respeito da afflicção em que se achava. E quando o official soube que Ramá estava chorando porque queria a lua, pediu a um dos que alli estavam que lhe trouxessem um espelho. Trouxeram-lhe logo um espelho que elle collocou nas mãos de Ramá; e quando Ramá viu no espelho a imagem da lua ficou muito satisfeito e deixou de chorar; d'ahi a pouco tornou-se tão alegre como dantes e toda a familia ficou contentissima.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Berço Ramá preciosa India crescendo delicias belleza afflicção apontar comprehendeu leguas joias deslumbrantes socegar rodear desesperadamente acalental-o ninar inflammaram commandante chefe official imagem principesinho.

LINGUAGEM.

Que é India? Onde está? Que grande rio ha na India? A quem pertence a India? Quem descobriu o caminho maritimo da India? Quando? Que distancia ha da terra á lua? Que é a lua? Que são

phases da lua? Porque tem phases a lua? Já viram um mappa da lua? Que outros planetas tem luas?

RECORDAÇÃO.

Formar tres superlativos absolutos com o suffixo issimo, *tres com* rimo, *e tres com* limo.

Formar o feminino de principe, pae, irmão, padrinho, filho, neto, avô, mestre, rei, duque, frade, barão, conde, actor, imperador.

EXERCICIO NA PEDRA.

Os alumnos devem riscar suas pedras em quadrados que correspondam ao diagramma que vem abaixo e depois reproduzir o desenho.

LIÇÃO VIII.

COMO SE DEVE LER. III.

Na lição passada aprenderam o que quer dizer *emphase.* Agora vamos estudar a

seguinte sentença para achar *porque* usamos de emphase.

"Este é o meu cão."

Supponham que alguem viesse reclamar um cão de um de vocês e que o dono desejasse dizer que o cão era *seu* e não *d'elle;* havia de usar de emphase na palavra *meu*, não havia?—exprimindo assim a sentença:

"Este é o *meu* cão."

Ora, si o outro dissesse que *não* era seu o cão e o dono desejasse dizer que estava *certo* de que era, como pronunciaria a sentença?

"Este *é* o meu cão."

Sim, daria emphase á palavra "*é.*"

Supponham que outros cães estivessem por alli e o dono quizesse designar qual dentre elles era o seu, como exprimiria a sentença?

"*Este* é o meu cão."

Sim, daria emphase a palavra "*Este.*"

Si eu dissesse a João: "Tire o seu *livro* da sua carteira," e elle sem pensar fosse tirar outro livro, e eu lhe dissesse: "Este não é o seu *livro*," ainda mesmo que não o visse, havia de entender pela maneira que

falei, que elle tinha tirado outro livro, ou outra coisa qualquer, não é assim? Si eu lhe dissesse: "Esse não é o *seu* livro," havia então de entender que elle tinha tirado o livro de outra pessoa e não o delle proprio, não é assim? Por isso vêem que a uma sentença podem-se dar significações diversas, tornando emphaticas differentes partes della.

Assim para dar a verdadeira significação e tornal-a comprehensivel aos outros, é preciso que pronunciem com emphase aquella parte da sentença que melhor mostra o que ella quer dizer. E para saber o que ella quer dizer, é preciso sempre saber o que vai antes e algumas vezes o que vem depois. Assim vêem que devem estudar suas lições de leitura.

Leiam e dêem emphase ás seguintes sentenças de modo que dêem tres significações a cada uma:

"Este é o seu chapéo."

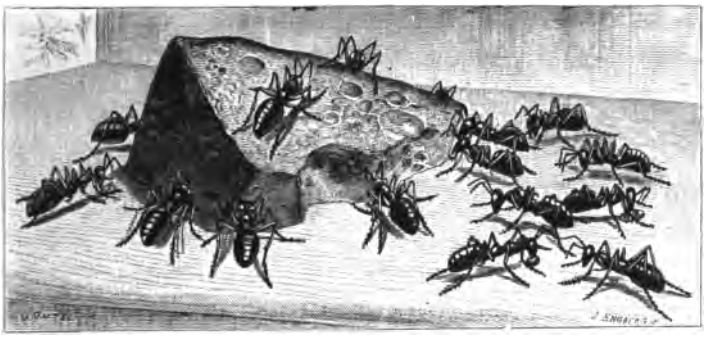
"Eu não gosto deste livro."

"Quer você ir comigo?"

Copiar tres vezes cada uma destas sentenças e sublinhar as palavras emphaticas de maneira quedêm tres significações differentes a cada sentença.

LIÇÃO IX.

AS FORMIGAS.



1. Entre as coisas curiosas que podemos estudar quando não estamos na escóla, nenhuma ha mais interessante que as formiguinhas pretas que correm na gramma em um dia de calor. Talvez que tenham pensado nellas só como umas coisas muito feias e incommodas, que não merecem attenção. Comtudo mesmo assim pequeninas, são muito espertas.

2. Um menino trouxe um dia um bolo para a merenda, e deixou-o por esquecimento no degrau da escada. Dahi a pouco quando foi buscal-o, achou-o coberto de formigas pretas. Como é que tantas for-

migas tão depressa souberam que elle lá estava?

3. Si estivessemos vigiando o bolo, haviamos de ver coisas bem curiosas. Não muito longe do lugar onde o menino deixou o bolo, no jardim, havia um formigueiro alto feito de grãos de areia com grande cuidado postos uns emcima dos outros por estas creaturas trabalhadeiras. Uma das donas da tal casa andava por fóra á procura de que comer, e encontrou o bolo. Immediatamente de uma dentada cortou um pedaço bastante grande para que pudesse carregal-o, e com elle correu para o formigueiro.

4. No caminho encontrou suas companheiras de casa. Poz a carga no chão e as duas encostaram a cabeça uma na outra, como si estivessem conversando a respeito della. Tocaram no bolo, provaram-no, cheiraram-no, e depois foram-se. A primeira tornou a carregar o pedaço do bolo e lá foi com elle para a casa, e a amiga correu depressa para o degrau da escada onde havia ficado o bolo e principiou a tirar a sua parte.

5. Em breve outros membros da familia tiveram noticia do que fôra achado e apressaram-se em carregar com tudo quanto pudessem. Si então reparassemos nellas, haviamos de ver tanta coisa divertida, que não nos importaria a perda do bolo.

6. Podem ver algumas vezes as formigas a correr subindo e descendo n'um arbusto e não hão de atinar porque estão ahi. Mas, si prestarem muita attenção, hão de ver nas folhas uma multidão de bichinhos verdes. As formigas correm por entre estes bichinhos tocando nelles com as antennas e parecendo estar muito atarefadas.

7. Estes bichinhos são as vaccas das formigas. Porque pode-se ver, observando-as com o microscopio, que as formigas sugam delles uma coisa muito parecida com leite. As formigas são muito boas para as suas vaccas, e vêm repetidas vezes sugar-lhes o leite.

8. Ha muitas outras coisas curiosas que podem aprender a respeito das formigas, si as observarem bem de perto. Algumas

reservam comida em armazens para o futuro; ensinam ás novas a trabalhar; fazem coisas exquisitas de barro e areia; e ás vezes dão batalhas. Podem descobrir mais alguma coisa que ellas fazem?

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Formiga curiosa interessante gramma incommoda degrau creatura trabalhadeira immediatamente bolo arbusto prestar multidão antennas atarefadas observando microscopio batalhas descobrir membro.

LINGUAGEM.

Que é a formiga? Qual é a sua principal qualidade? Que é um formigueiro? Como o fazem? Como se reunem as formigas onde ha coisa de que gostão? Que fizeram ao bolo? Porque vieram as outras? Como se pode saber que ellas tiram leite de um bichinho que dá em certas folhas? Que é um microscopio? Como sugam ellas o leite? Como tratam as suas vaccas? Que mais podem dizer a respeito das formigas?

RECORDAÇÃO.

Escrever o que sabem a respeito das formigas. Escrever os nomes dos insectos uteis. Porque são uteis. Escrever a respeito dos insectos.

Fazer uma lista dos adjectivos qualificativos do primeiro paragrapho. Fazer uma lista dos adjectivos determinativos do segundo paragrapho.

Mudar o quarto paragrapho para o plural. Escrever cinco diminutivos e cinco augmentativos. Fazer uma lista dos nomes do terceiro paragrapho.

LIÇÃO X.

COMO SE ESCREVE UMA CARTA.

1. D. Gabriella de Rezende estava sentada á sua mesa escrevendo uma carta a seu filho mais velho que fôra estudar na Escóla-de-Minas em Ouro-Preto. Sua filhinha Eugenia, menina de seis a sete annos, estava sentada perto da janella, brincando com seu gatinho branco.

2. Por fim cansada de brincar, veiu para junto de sua mãe e olhava para a penna que corria sobre o papel, pensando. "Que coisa maravilhosa não é escrever-se uma carta!"

3. A mãe voltou-se para ella e disse: "Eugenia, não queres mandar uma carta para teu irmão Alfredo?"

"Sim, mamãe, eu devia mandar-lhe uma carta!"

"Então porque não mandas?"

"Escrevo por ti, si quizeres."

"Oh! escreve, era isso mesmo o que eu queria."

4. Agora lembra-te que esta vai ser a tua carta, filhinha,—e não a minha. Vou emprestar-te a minha mão, tens, porém de ditar o que hei de dizer.

"Que hei de escrever?"

"Não sei."

"Não sabes!—e comtudo queres tanto bem a teu irmão! Queres que me lembre de alguma coisa por ti?"

"Oh! sim,—faz-me este favor!"

5. "Bem, então deixa-me ver:"—

"*Meu querido Alfredo,*

"*A noite passada a casa ardeu de baixo até em cima.*"

"Oh! não, mamãe,—não diz isso!"

"Porque não?"

"Porque isso não é verdade."

"Sabes então que não deves dizer o que não é verdade. Estimo muito que tenhas aprendido tanto. Lembra-te disso toda a tua vida. Nunca escrevas o que não é verdade. Mas precisas pensar em alguma

coisa que seja verdadeira." "Não posso, mamãe." "Bem, vê si isto serve:"

6. "*O gatinho esteve brincando com a cauda durante um quarto de hora.*"

"Oh! não escreve isto!"

"Porque não, filha? Isto é verdade, eu vi com os meus proprios olhos."

"Mas é uma tolice tamanha! Alfredo não precisa saber nada do gatinho, nem da sua cauda."

7. "Ora, meu amor, vejo que sabes muita coisa a respeito de escrever cartas. Não é bastante que seja a verdade; deve ser alguma coisa que valha a pena de se escrever. Dita-me agora alguma coisa para eu dizer"

"Não posso pensar em nada."

"Então posso escrever isto?" —

"*Meu querido Alfredo,*

"*Vais ficar contente por saber que o primo Augusto já está bom e pode passear a cavallo.*"

8. "Oh! sim, mamãe, escreve isto. Alfredo gosta muito de Augusto, e ha de ficar muito satisfeito quando souber que

elle está melhor. É isto mesmo que ha de escrever!"

9. "Bem vês, Eugenia, que sabes o que deves pôr em uma carta e a razão porque não podes escrever cartas é porque não sabes ainda formar as palavras. Logo que aprenderes isso, poderás escrever uma carta a Alfredo, sosinha, e estou certa de que elle terá grande alegria ao recebel-a."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

D. Gabriella de Rezende ardeu emprestar Ouro-Preto janella cansada Minas dictar maravilhoso valha pena.

LINGUAGEM.

Onde estava D. Gabriella? Que estava fazendo? Para quem? Aonde tinha elle ido estudar? Quem era Eugenia? Que idade tinha? Que pensava vendo a mãe escrever? Que perguntou-lhe a mãe? Qual a resposta de Eugenia? E porque não escrevia? Quem havia de escrever por ella? Quem tinha de dictar? Que escreveu a mãe? Porque não quiz Eugenia que a mãe escrevesse aquillo? Que outra carta propoz a mãe? Porque tambem recusou Eugenia? Que escreveu depois a mãe? Porque approvou Eugenia a terceira carta? Podia Eugenia escrever uma carta logo que soubesse formar as letras? Que signaes observa no principio e no fim da ultima sentença do pri-

meiro paragrapho? Que indicam? Que são palavras compostas? Devem ser sempre ligadas por traço de união?

RECORDAÇÃO.

Escrever uma carta a uma pessoa de amizade ou á mestra.

Tomar cuidado na maneira de principiar e terminar, dobrar e sobrescriptar a carta.

LIÇÃO XI.

AS ABELHAS.

1. Todos os meninos que têm morado em chacaras ou na roça, têm visto abelhas. São coisinhas muito curiosas, e de todos os insectos são os mais uteis. Centenares de abelhas vivem juntas em casinhas chamadas colméas ou cortiços, ou no ouco dos troncos das arvores velhas. No tempo secco durante todo o dia estão trabalhando em colher o mel e fazer a cêra, e tomar cuidado das abelhinhas novas.

2. Em cada colméa ha tres especies de abelhas: muitas trabalhadeiras, alguns zangãos e uma rainha. A rainha ou abelha-mestra põe grande quantidade de óvos, ás vezes uns duzentos por dia.

Pouco tempo depois sahem destes óvos uns bichinhos brancos. Durante uma semana estes vermesinhos não fazem outra coisa senão comer; e são cuidadosamente tratados pelas activas trabalhadeiras.

3. Depois que a lagartinha comeu até fartar, tece uma teia em redor de si e vai dormir. Dorme onze dias, e quando acorda não é mais uma lagartinha branca, mas uma abelha formada.

4. A rainha fica na colméa a maior parte do tempo, e o mesmo fazem os zangãos. Os zangãos são grandes e preguiçosos e só servem para comer. Muitas vezes as trabalhadeiras ficam cansadas de sustental-os e os matam a ferroadas.

5. A abelha trabalhadeira faz os favos e enche-os de mel. Cuida da limpeza da colméa, trata da rainha e das abelhinhas novas. Conhecem tambem todas as flores de nossos jardins; porque d'ellas é que tira o mel.

PALAVRAS NOVAS.

Chacara insecto centenares tronco quantidade trabalhadeira teia favos duzentos lagarta limpeza ouco ferroada colméa cortiço zangão.

LINGUAGEM.

Conversar com os meninos a respeito das abelhas.

Mandar que escrevam uma descripção da abelha. Mandar fazer uma lista das palavras derivadas desta lição.

Fazer descripção da gravura.

LIÇÃO XII.

A FILHA DO PHAROL. I.

1. Que é um pharol? É um edificio em forma de torre ou de uma grande chaminé redonda. No interior ha escadas para subir-se até ao cimo, que é uma especie de quarto de vidro ou de grande lanterna. Ahi se conserva ardendo toda a noite uma luz muito brilhante.

2. Levantam-se pharoes nas praias do mar ou nas ilhotas de pedra proximas á terra. Servem para avisar aos capitães de navios que não devem chegar muito perto para que seus navios não fiquem despedaçados nas rochas ou encalhados nas areias.

3. E quem conserva a luz accesa? O pharoleiro.

4. Um pharoleiro deve ser um homem leal e de toda a confiança. Elle deve ter cuidado de accender o pharol todas as noites; porque todas as noites elle manda avisos á grande distancia na escuridão do

mar. Elle não deve deixar de cumprir seu dever.

5. Roberto Cezar era pharoleiro em uma ilhota junto de uma costa montanhosa da America do Norte. A ilha distava da praia mais de meia legua. Elle ahi morava só, sem outra companhia senão sua filhinha Ida, de oito annos de idade.

6. Bem pode imaginar como vivia ahi isolada a pobre menina. E era assim que ella vivia. Não tinha camaradas com quem brincar, senão um gatinho e um cachorro. Comtudo Ida era feliz; porque seu pae amava-a extremosamente, e ella tinha se acostumado a viver no pharol.

7. Uma manhã o Snr. Cezar teve de ir á praia no seu bote para buscar mantimento e azeite. Elle não gostava de deixar sua filha só; mas o mar estava calmo e elle tinha certeza de voltar cedo.

8. Além disso, Ida tinha-lhe dito que não tinha medo de ficar só até á tarde. "Oh! não! não tenho medo nenhum: vou subir ao morro, olhar para as nuvens e distrahir-me até que papae volte."

9. Assim o pae beijou a sua Idasinha,

saltou no bote e deu á vela para o continente.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Pharol edificio torre lanterna calmo conserva ilhota capitão despedaçado rochas encalhados leal confiança cumprir escuridão montanhosa America distava isolada extremosamente Snr mantimento accender continente.

LIÇÃO XIII.

A FILHA DO PHAROL. II.

1. Pouco depois que o pharoleiro desembarcou, mudou o tempo. O ceu escureceu, o vento começou a soprar rijo, e as ondas vinham arremessar-se sobre a ilhota arrebentando contra o pharol. Era uma das terriveis tempestades a que estão sujeitas aquellas costas.

2. Agora imaginem os sentimentos do pae e da filha. Ida pensa nos pobres marinheiros. Depois pensa em seu pae, e espera que elle não ha de querer voltar com essa tempestade.

3. E o pharoleiro? Elle tambem pensa nos pobres marinheiros e pensa em sua

filhinha sósinha naquella medonha tempestade.

4. Elle quer immediatamente dar á vela para o pharol; mas seus amigos não lh'o consentem: repetem-lhe uma e muitas vezes que seria loucura procurar desembarcar na ilha com tão tremendo temporal.

5. O tempo passa. Principia a escurecer. Vão ser horas de accender o pharol.

6. Oh! em que afflicção estava Roberto Cezar! Si um navio por falta de luz se despedaçasse nas rochas! Si vidas se perdessem por não estar elle em seu posto!

7. Por fim não poude mais o pharoleiro supportar tamanha angustia. Atirou-se para dentro do bote, e estava quasi a largar para a ilha, quando, olha! a luz flammejou da grande lanterna. O pharol estava acceso!

8. Sim, havia um coração valente no pharol, coração valente e mão diligente. Ida muitas vezes vira seu pae accender o pharol e ella sabia que isto devia se fazer todas as tardes logo que começasse a escurecer.

9. Sosinha subiu as escadas da torre. Fóra soprava o vento furioso, as ondas arrebentavam contra o pharol, e as procellarias lançavam aos ares seus agudos gritos.

10. E ainda assim ella não tinha medo. Trepou a uma cadeira, mas viu que não

podia chegar á lampada. Amontoou livros sobre a cadeira até que ficasse bastante alta para que podesse alcançal-a.

11. N'um momento a luz atirou seus beneficos raios ao longe na escuridão da borrasca. Oh! como Ida sentiu-se feliz então?

12. Mas outro coração estava ainda mais feliz. Podem imaginar qual foi a alegria de Roberto Cezar ao saber que sua filha estava em segurança? Como sentia-se orgulhoso por ella ter sabido o que devia fazer e ter sido bastante animosa para fazel-o!

13. Antes de romper o dia cessou a tempestade e o pharoleiro deu á vela para a ilhota. Com lagrimas de alegria e orgulho, Roberto Cezar abraçou a sua querida Ida.

14. E bem podia elle estar alegre e ufano; porque n'essa noite muitos navios foram salvos do naufragio, e muitos marinheiros tiveram occasião de bemdizer da pequenina "filha do pharol."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Desembarcou rijo arremessar terrivel tempestade raio sentimento medonha tremenda loucura angustia valente flammejou diligente furioso procellarias borrasca romper ufano temporal.

LINGUAGEM.

Quem era Roberto Cezar? Em que se empregava? Onde morava? Quem lhe fazia companhia? Como se chamava a filha? Que idade tinha? Porque não se aborrecia de estar só? Para que sahiu Roberto da ilha? Como ficou Ida? Que aconteceu depois que elle partiu? Que pensava Ida? E o pae? Porque não voltou o pae? Porque ficou em grande afflicção? Que aconteceu quando desesperado saltou no bóte? Que fez Ida quando começou a escurecer? Como poude accender o pharol? Que sentiu Roberto ao ver brilhar a luz do pharol? Quando chegou a ilha? Como tratou a Ida? Porque estava tão ufano de sua filha?

RECORDAÇÃO.

Escrever composições sobre.

1. Roberto Cezar: quem era—onde morava—sua filhinha.

2. Sua ida ao continente: a tempestade—que sentiu Ida—que sentiu o pharoleiro quando anoiteceu.

3. Descripção da gravura: animosa acção de Ida: trepa a uma cadeira—accende as lampadas—

4. Sentimento do pae: alegria—orgulho.

LIÇÃO XIV.

COMO SE DEVE LER. IV.

Sabem o que quer dizer *emphase* e *porque* se usa. Agora vou mostrar-lhes *como* e *quando* della devem usar. Supponham que dissessem: "O *sol* nasceu."

"O sol está *muito* alto e *muito quente* para passearmos *agora*. Esperemos até que o sol *entre*."

Na primeira sentença "sol" é uma coisa *nova*. Dantes estavam lendo ou fallando de outra coisa; *agora* querem que a pessoa a quem falam pense no *sol*, e dão emphase á palavra "*sol*," afim de fazer com que pense nelle.

Depois da primeira sentença, "sol" não é mais ideia *nova*, mas as ideias de que o sol está "muito alto" e "muito quente" para nós passearmos *agora*, são a respeito do sol as ideias *novas*, nas quaes querem que pense aquella pessoa, e por isso devem dar emphase ás palavras que exprimem essas ideias *novas*. Ora, vemos portanto que as ideias novas de que se fala em uma

sentença, devem ter emphase, afim de chamar para ellas a attenção, e podemos estabelecer como regra que.

As palavras que exprimem ideias novas devem ter emphase.

Deixo que pensem por si em respostas a estas duas perguntas.

Que entendemos por ideias novas?

Porque damos emphase ás palavras que exprimem ideias novas? Podem ler as sentenças seguintes como estão marcadas e responder ás perguntas abaixo.

Os *sabiás* vieram. Eu os ouvi *cantar* esta madrugada.

Pensa que este anno vão *fazer ninhos* nos pecegueiros?

Porque deve-se dar emphase a sabiás?

Qual é a ideia nova na segunda sentença?

Quantas ideias novas na ultima?

Copiar as sentenças seguintes e sublinhar as palavras que devem-se falar com mais força do que as outras.

Por fim não poude mais o pharoleiro supportar tamanha angustia. Atirou-se para dentro do bote, e estava quasi a largar para a ilha, quando, olha! a luz flammeja da grande lanterna. O pharol estava acceso! A abelha trabalhadeira faz os favos e enche-os de mel.

LIÇÃO XV.

NÃO-POSSO, NÃO-QUERO, E VOU-EXPERIMENTAR.

1. Havia antigamente um pobre homem que tinha tres filhos Não-Posso, Não-Quero, e Vou-Experimentar. Eram muito differentes entre si, e difficilmente poder-se-ia pensar que eram irmãos.

2. Não-Posso era um rapaz muito vadio e um grande cobarde. Não ousava saltar uma valla com medo de cahir dentro della. Não ousava trepar a uma arvore com medo de cahir lá de cima.

3. Quando lhe pediam para fazer alguma coisa, Não-Posso com certeza dizia que não podia fazel-a, ainda mesmo sem ter experimentado. Era o mesmo na escóla ou no recreio. Si lhe faziam uma pergunta, dizia: "Não sei." Si tinha de estudar uma lição, dizia: "Não posso estudal-a."

4. Não-Quero não era vadio nem estupido; mas tinha mau genio e era muito

teimoso. Si se lhe mettia em cabeça não fazer uma coisa, não havia meio de obrigal-o a fazel-a.

5. Si Não-Quero ficava amuado, seus companheiros não podiam, por mais que pedissem, conseguir que elle fosse brincar. Si elle queria brincar, deixava de estudar as lições, ainda mesmo que tivesse certeza de ser castigado por não sabel-as.

6. Aborrecia aos outros, quando entrava nos brinquedos, porque queria só fazer o que entendesse em tudo e por tudo; não tirava bom resultado de seus estudos, porque não fazia o que lhe mandavam. O que é facto é que ninguem gostava delle, por causa, de seu mau genio e de querer impor sempre aos outros a sua vontade.

7. Vou-Experimentar era um sujeito franzino e pequeno, e o mais moço dos tres. Mas tinha animo e energia mesmo assim pequenino, e estava sempre prompto a fazer tudo o que seus paes e mestres lhe recommendavam.

8. Si perguntavam a Vou-Experimentar si elle podia fazer qualquer coisa por mais difficil que fosse, elle dizia: "Não sei si

posso fazel-a, mas vou experimentar." Algumas vezes não conseguia, mas quasi sempre era capaz de fazer o que experimentava.

9. Uma vez experimentou saltar sobre um corrego, mas este era tão largo que o pequeno Vou-Experimentar cahiu dentro da agua. Ainda assim não chorou. Elle consolou-se pensando que quando fosse um pouco mais crescido, havia de fazer outra experiencia; e d'ahi a bem pouco tempo elle podia saltar o corrego no lugar onde era mais largo.

10. Quando foi para a escóla, a mestra perguntou-lhe: "Sabe ler?" "Não, senhora," respondeu elle, "mas vou experimentar si posso aprender." "É o que eu quero," disse a mestra. "Preciso na minha escóla de meninos que queiram experimentar si podem aprender."

11. Em poucos mezes Vou-Experimentar era o primeiro de sua classe, Não-Posso era ainda o ultimo da sua, e Não-Quero tinha passado a ser o ultimo da sua. Qual pensa que era o mais feliz dos tres?

12. Agora já são todos homens feitos, Não-Posso é criado de um amo chamado É-Preciso; Não-Quero é soldado ordenança do Capitão Deve; e Vou-Experimentar é socio da grande firma Felizardo & C.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Cobarde corrego impor amuado resultado consolou experiencia amo franzino socio firma classe C. & ordenança Felizardo.

LINGUAGEM.

C. em breve que palavra representa? Escreva-a com todas as letras. Como se chama o signal &? Escrever sentenças contendo as abreviaturas Snr., Snrª. Ter cuidado com as letras maiusculas e a pontuação.

Escrever em columnas todas as palavras compostas da lição, e outras de que se lembrar.

Dizer palavras que signifiquem o contrario de *antigamente, pobre, differente, difficilmente, muito, vadio, grande, cobarde, medo, certeza, mau.*

Ajuntar uma syllaba ao principio da palavra *differente,* de modo que signifique uma coisa opposta.

Antes de *obedecer, contar, humano, feliz, contente, grato, fiel, engraçado, concertar, presar.*

RECORDAÇÃO.

Que quèr dizer *hyphen?* Que nos ensina esta historia?

Qual a sorte de cada um dos tres rapazes? Qual prefere?

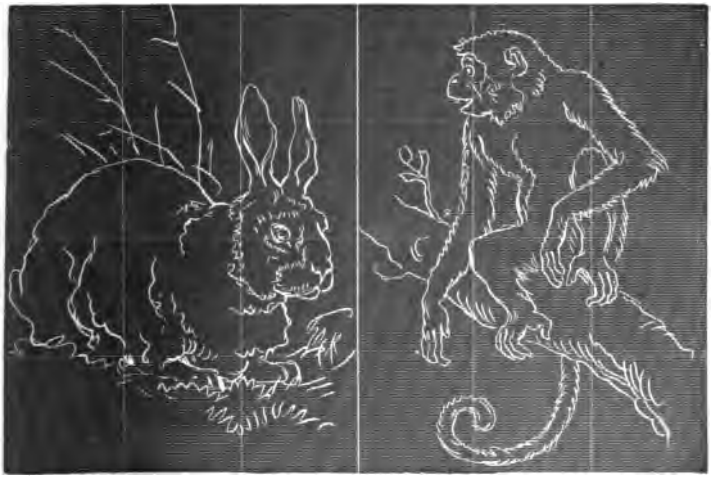
Não-Posso tinha medo de que?

Qual pensa que era o mais feliz dos tres?

Quem nesta classe de leitura é Vou-Experimentar?

EXERCICIO NA PEDRA.

Os alumnos devem riscar suas pedras em quadrados que correspondam ao diagramma que vem abaixo e depois reproduzir o desenho.



LIÇÃO XVI.

A LIÇÃO DE BOTANICA.

1. Duas meninas estavam assentadas a uma janella reparando n'um ramalhete de flores, que uma dellas tinha na mão.

2. Aquella pallida e de olhos tristonhos é a pequena Adelia. Ella passa o dia assentada a janella, porque é coxa e invalida. A outra de faces rosadas e olhar vivo e alegre é Luiza, sua irmã. Seus bons paes e suas amigas procuram dar a Adelia todos os prazeres que

podem; mas apezar disso ella muitas vezes fica só e triste. Luiza não tem um só goso que não queira partilhar com sua maninha.

3. Luiza gosta de ir á eschola e todos os dias conta a Adelia o que faz lá e o que aprende. Hoje ella teve uma lição a respeito de uma planta e agora está contando a Adelia o que aprendeu. "Adelia, o pé da folha tem outro nome, chama-se o peciolo." "Mas olha, Luiza, aqui estão dois filhinhos de folha no logar onde acaba o *pe-ci-o-lo* — está certo?"

4. "Sim, meu bem, como foi bom que me mostrasses! Essas folhas chamam-se estipulas. E oh! Adelia, hoje aprendi coisas muito bonitas a respeito da flor! A parte colorida flor, que é tão bonita, chama-se corolla. Corolla quer dizer corôa; isto é, a flor é a corôa da planta. Não é isto bello?"

5. "Agora olha embaixo da corolla, e vê si podes achar alguma coisa mais de que possa ensinar-te o nome."

"Aqui, Luiza, estão umas coisinhas do lado de fóra da corolla; são verdes, mas não se parecem com folhas."

6. "Tem razão, querida Adelia; não são folhas. Olha vou arrancar a corolla. Agora, quando mostro esta pequena parte verde, com que se parece?"

"Penso que se parece com um calis."

7. "É isto mesmo. É o calis que contem a flor,—o calis da flor."

"Olha, Luiza, nesta flor ha umas coisinhas amarellas que embalançam. Como se chamam?"

8. Mas Luiza não podia lembrar-se. Ella prometteu perguntar á mestra no dia seguinte e vir dizer a Adelia.

Acabou-se a lição de botanica. Luiza poz o resto das flores n'um vaso com agua fresca e foi brincar.

9. Adelia encostou a cabeça na cadeira, fechou os olhos tristonhos e repetia comsigo: "Corolla quer dizer corôa; uma flor tem calis e corôa."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Botanica corôa calis peciolo corolla coxa invalida rosadas ramalhete pallida tristonho faces prazer apezar goso estipulas.

Copiar e completar as sentenças seguintes.

Peciolo é——da folha.
Estipulas são——no fim do peciolo.
Corolla é a parte——da flor.
Corolla significa——.
Calis é——que contem a corolla.
Uma flor tem——e——.

LIÇÃO XVII.

UMA CARTA DA ROÇA.

Fazenda da Gruta. Minas.
5 de abril de 1894.

Minha querida Gabriella,

Prometti escrever-te logo que chegasse á roça e venho cumprir minha palavra, dando-te conta do que temos feito desde antehontem.

Nestes dois dias temos passeado, corrido e pulado como queremos e onde queremos.

Mano Carlinhos fez-me um balanço preso aos galhos de uma mangueira muito copada, que dá boa sombra e fresco.

Elle toca o balanço com tanta força que parece-me que vou ás nuvens.

Hontem levantei-me muito cedo para ver soltar as gallinhas. Levei leite para os gatinhos e milho socado para os pintos e as pombinhas. Assentei-me no degrau da porta que dá para o terreiro e vi-me logo rodeada por toda a bicharia. Era muito divertido vel os anciosos a tomar as migalhinhas uns dos outros. Encontrei aqui uma camarada de minha

idade chamada Leonor. Quando estamos juntas pintamos o sete. Dei-lhe uma das peras que trouxe da cidade.

E hoje de manhã a mãe della contou-me que sua filha tinha guardado a pera para a Lilia. Lilia é uma amiguinha muito querida de Leonor a qual está bem doente. Como Leonor é boasinha! não achas?

Um destes dias vou com ella visitar a Lilia.

Agora minha querida Gabriella, faça o favor de responder a minha carta.

Tua amiga do coração,

Rachel de Oliveira.

Escrever uma carta a uma pessoa de amizade.

LIÇÃO XVIII.

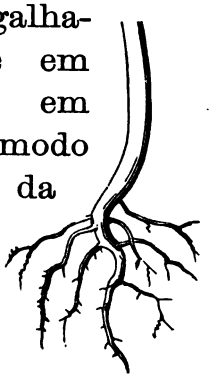
AS PLANTAS.—A RAIZ.

1. Uma planta não é como um animal, que pode mover-se de um lugar para outro. Ella cresce e fica sempre no mesmo lugar. Que é que a prende alli? Suas raizes. Ellas crescem para baixo, mettem-se pela terra a dentro e lá seguram-se bem, de maneira que o vento não possa derribar a planta.

2. Ora, algumas plantas, taes como a beterraba tem só uma raiz muito grande na terra. Fóra da terra não é muito alta a beterraba; não tem caule, e as poucas folhas que dá saem já do cimo da raiz.

Mas esta raiz unica está toda cercada de umas raizesinhas tão finas como um fio de cabello.

3. Mas as plantas muito altas, como as arvores, e mesmo as pequenas, como as hervinhas, tem raizes esgalhadas, isto é, a raiz grande em baixo da terra divide-se em raizesinhas quasi do mesmo modo que o caule que cresce fóra da terra espalha-se em galhos e ramos.



RADICULAS.

4. Reparem nesta parte do caule com as raizes em baixo. Não se parece muito com a perna de uma ave com os dedos para segurar-se fortemente? A unica differença é que a ave tem tres ou quando muito quatro dedos n'um pé, ao passo que a planta tem no *seu* pé tantos dedos que nem se podem contar.

5. E podemos ver com que firmeza a planta pode agarrar-se á terra com toda aquella caterva de dedos e unhas que alcançam longe; tanto mais que são todos bem envolvidos com a terra. Agora, que

venha a ventania, e não poderá facilmente arrancar a planta de seu lugar.

6. Esta é uma das coisas que tem de fazer a raiz; tem de segurar bem a planta no seu lugar.

7. Mas não é só isso que ella faz: tem trabalho muito mais fino. A planta tira da terra grande parte de seu alimento; e como havia de tiral-o da terra, sinão pelas raizes? Ellas estão dentro da terra, e della absorvem agua; e com essa agua penetram nas raizes outras coisas de que carece a planta.

8. Ha alguma coisa de maravilhoso no modo porque estas raizes operam. Ellas parecem saber do que precisa a planta. A raiz de uma especie de planta chupa do solo justamente aquillo de que esta especie de planta necessita. As raizes de outra especie de planta hão de absorver justamente aquillo de que carece aquella planta.

9. As raizes de todas as plantas parecem saber exactamente o que hão de tomar da terra, além da agua. E si a planta for posta em terreno que não tenha o ali-

mento que ella requer, que podem fazer as raizes? Não podem achar o alimento que lhes é apropriado, e assim a planta cresce mofina ou morre.

10. Como é que as raizes penetram tão profundamente na terra e crescem por cima e em redor de pequenas e grandes rochas? É deste modo: todo o tempo que as pontinhas das radiculas estão chupando o alimento para a planta, tambem estão crescendo ou se alongando.

11. Como as raizes novas são muito finas, podem facilmente abrir caminho, porque nada tem a fazer sinão ficar quietas e deixar que mais raiz—muito, muito pouco de cada vez—cresça nas suas extremidades, e por conseguinte estas extremidadesinhas vão ter aonde quer que possam chegar.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Beterraba caule esgalhadas caterva ventania absorvem penetram operam chupam necessitam terreno mofina radiculas alongando apropriado carece.

LINGUAGEM.

Copiar todos os nomes que indiquem parte de uma planta.

[A mestra tem de explicar o que é nome ou substantivo, a formação do plural e dos graus augmentativos e diminutivos.]

Mudar cada uma destas sentenças de modo que exprima mais de um.

A folha nasce no cimo da raiz.
A raiz absorve a agua da terra.
Uma arvore é uma planta.
Uma herva é uma planta.

Que palavra no paragrapho terceiro tem a sua significação diminuida ou são *diminutivos?* Que palavra no setimo paragrapho quer dizer o mesmo que *chupar* e tomar?

LIÇÃO XIX.

COMO SE DEVE LER. V.

Desejo que conservem na memoria a differença entre accento e emphase.

O *accento* pertence a uma syllaba de uma palavra, e a emphase a uma palavra em uma sentença.

Aprenderam que quando querem chamar attenção especial para qualquer palavra em uma sentença, pronunciam essa palavra com *mais força* que as outras que

vem antes ou depois. Esta emphase chama-se *Emphase de Força*, porque empregam mais força de voz pronunciando a palavra a que dão emphase.

Mas ha outra maneira de dar emphase a uma palavra, e é, pronunciando-a mais lentamente que as outras:

Esta segunda especie de emphase chama-se Emphase de Tempo, porque levam mais tempo a palavra a que dão emphase, do que ás outras que vem antes ou depois della.

Como já aprenderam a Emphase de Força se mostra na escripta por uma linha traçada por baixo da palavra que quer tornar emphatica, e em letra redonda ou de imprensa em *italico*. A Emphase de Tempo pode-se mostrar dando á palavra mais e-s-p-a-ç-o.

Assim pois temos duas maneiras de fazer com que os que ouvem pensem na coisa particular para a qual desejamos chamar sua attenção.

Pronunciando-a com mais *força*, ou mais demoradamente que as outras palavras da sentença.

A Emphase de Tempo é muito mais deli-

cada que a Emphase de Força, e muito mais agradavel de ouvir-se; mas não podemos dar Emphase de Tempo senão áquellas palavras que tem vozes longas.

As vozes breves como "lhe" e "me" não podem ter esta emphase; e assim a essas palavras dá-se sómente a Emphase de Força.

"Que *óvos* são estes, José?"

"São óvos de *coruja.*"

"*Onde* os achou?—No *mato.* Trepei n'um *pinheiro alto, grande* e tirei-os do ninho.

EXERCICIO NA PEDRA.

Os alumnos devem riscar suas pedras em quadrados que correspondam ao diagramma que vem abaixo e depois reproduzir o desenho.

LIÇÃO XX.

TOMAI CUIDADO COM AS COISAS PEQUENAS.

1. Estavam um dia dois homens trabalhando n'um estaleiro, onde se fazem navios. Iam talhar um pedaço de madeira para pôr em um navio. Era um pedaço pequeno e de pouca importancia. Quando foram tirar as aparas, acharam um bicho—um bichinho que não tinha mais de um centimetro de comprimento.

2. "Este páu está bichado," disse um delles, "devemos mettel-o na obra?"

3. "Não sei," disse o outro, "sim, creio que o páu serve. Fica mettido bem dentro e ninguem dará por isso."

4. "Pode bem ser assim; mas talvez que tenha mais bichos, e elles podem augmentar e destruir o casco."

5. "Não, creio que não. O que é certo é que o páu não está muito bom, apesar disso não quero perdel-o. Mas vamos, não faça caso do bicho: vimos só um:—Metta o páu na obra."

6. E foi assim o páu empregado na

obra. O navio foi construido e lançado ao mar. Navegou dez annos em perfeito estado. Mas por fim ficou fraco e podre porque o madeiramento estava todo roido pelos bichos.

7. Comtudo o capitão do navio pensou que podia leval-o ao seu paiz. Trazia um valioso carregamento de sedas e chá e alem disso grande numero de passageiros.

8. Quando regressavam á patria, sobrevem uma tempestade. O navio por algum tempo aguentava sobre as ondas, mas depois afundava rangendo e arfando de lado a lado. Por fim principiou a fazer agua.

9. Havia duas bombas e com ellas trabalhavam os marinheiros dia e noite; mas a agua entrava mais depressa do que podiam expellil-a. O navio encheu-se de agua, e foi a pique com toda a gente e todas as mercadorias que havia a bordo.

10. Oh! que prejuizo de vidas e de fazendas! e tudo por causa daquelle pedacinho de madeira com bicho, que foi mettido no navio quando estava em construcção.

11. Que immenso damno pode ser feito

por um pequenino verme! E quanto mal pode fazer um homem quando não cuidadoso e fiel, mesmo na coisa mais pequenina!

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Madeiramento estaleiro centimetro bichado casco rangendo construido navegou podre valiosa seda a pique passageiros carregamento patria bombas expellir aparas regressavam arfando.

LINGUAGEM.

Mudar as seguintes sentenças de modo que exprimam tempo passado.

Eu construo um navio.

O navio é lançado ao mar.

Elle navega e sobrevem uma furiosa tempestade.

Elles fazem agua.

A maruja trabalha nas bombas, mas o navio vai-se enchendo de agua.

O navio vai a pique. Toda a gente morre no naufragio.

RECORDAÇÃO.

Copiar o sexto paragrapho e sublinhar todos os artigos.

[A mestra explica o que é artigo e a contracção delle com as proposições *a, de, em, por.*]

Dos nomes do primeiro paragrapho formar diminutivos.

[A mestra ensina quaes as terminações de diminutivos.]

Os alumnos escrevem cinco sentenças cada uma com um novo diminutivo.

LIÇÃO XXI.

AS PLANTAS.—AS FOLHAS.

1. A idéa que fazemos de uma folha é de uma coisa muito delgada e larga, com bordas levemente arredondadas, lindamente recortada ou então denteada com graça; e sabemos que tem uma côr verde muito bonita.

FOLHA DA MACIEIRA.

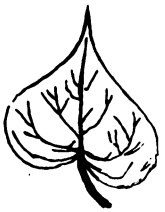
2. A maior parte das plantas tem as folhas de forma oval, como a folha da roseira. Em algumas plantas estas folhas ovaes são lisas na borda: em outras as bordas são denteadas como as do castanheiro.

FOLHA DO CASTANHEIRO.

3. Plantas ha que tem as folhas com dentes muito largos, n'outras elles são bem finos. Muitas hervas como os asteros de nossos matos, tambem como os girasoes agrestes, tem folhas com dentes grossos e

finos, alem de muitas folhinhas com as bordas lisas, todas na mesma planta.

4. Uma folha pode ser de um oval muito alongado, ou então muito curto e largo; e algumas são quasi redondas. Ha tambem folhas em forma de coração, como as campainhas ou boninas.



FOLHA DE CAMPAINHA.

5. Ha plantas com folhas recortadas, sendo as bordas arredondadas para dentro e para fora. Quasi todos os carvalhos tem folhas assim. O salgueiro e outras arvores tem folhas ovaes lisas.

FOLHA DA TULIPEIRA.

6. Ha uma folha de forma muito curiosa e que linda forma que é! Dá em umas arvores muito grandes e muito altas chamadas tulipeiras. E chamam-se assim porque tem as flores, na forma, muito parecidas com a tulipa. Encontram-se estas arvores na America do Norte.

7. As arvores de gomma tem as folhas

em forma de estrella e os bordos tem tambem bonitas folhas quasi da mesma forma. Estas são apenas algumas das innumeras especies de folhas.

8. As folhas são pela maior parte delgadas e largas. Sendo delgadas são leves e uma arvore com seus muitos raminhos sustenta milhares e milhares dellas, sem quebrar. Sendo largas ellas tem um grande contacto com o ar; e é justamente isto que a planta quer que ellas façam. Ella quer que ellas tomem do ar todo o alimento que puderem.

9. E como fazem isto as folhas? Por uma especie de *respiração.* A folha tem uma pelle de cada lado, e a pelle do lado de baixo tem um grande numero de buraquinhos. Ha milhares desses buraquinhos na pelle de uma folha; e é por elles que o ar penetra no interior da folha.

10. É ahi que uma parte do ar se junta á seiva ou succo que subiu das raizes, e os dois juntos fazem o alimento da planta.

11. Quando o vento sopra, as folhas dobram-se a agitam-se, mas ficam seguras aos ramos por seus rijos peciolos; e si

alguns dos mais fracos arrebentam, não importa, porque a planta ainda tem outros mais. O tronco firme e redondo não se move e os galhos fortes e redondos curvam-se, mas não quebram; ao passo que as raizes com grande força conservam tudo bem seguro.

12. Ha plantas, comtudo, que tem folhas muito estreitinhas, em forma de agulha. Ha muitas especies differentes de pinheiros e todos tem essas folhas, que pela maior parte pendem das arvores em penachos. A planta do espargo, cujos grelos comemos, tem as folhas como fios que saem da haste em feixes redondos.

13. Ha muitas outras plantas, cujas folhas não são mais grossas que alfinetes, e outras que tem folhas muito curtas e muito grossas.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Delgada recortada denteada oval castanheiro borda asteros girasol campainha pennacho carvalho salgueiro tulipeira contacto respiração espargo pinheiro agitar-se grelos.

LINGUAGEM.

Copiar as seguintes sentenças e supprir os riscos por palavras que exprimam,— especie *de folhas.*

A maior parte das plantas tem folhas——.
Algumas campainhas tem folhas——.
Quasi todos os carvalhos tem folhas——.
Todos os pinheiros tem folhas——.
O espargo tem folhas——.

Escrever os nomes de todas as arvores que conhece.

Dizer para que serve o castanheiro.

Que é America do Norte?

Fazer uma lista dos verbos do sexto paragrapho.

Dizer si são substantivos ou adjectivos, transitivos ou intransitivos.

[O mestre explica o que é verbo ou palavra de acção, e como se classificam os verbos.]

LIÇÃO XXII.

SEGUNDA CARTA DA ROÇA.

Fazenda da Gruta. Minas.

14 de abril de 1894.

Minha querida Gabriella,

Hoje de manhã fui com Leonor visitar a sua amiguinha doente.

Está muito mal, talvez não dure até amanhã.

Havia muita neblina e por isso tomamos as capas e galochas e fomos por uma picada dentro do mato para atalhar o caminho.

Emquanto andavamos faziamos de Chapelinho-Vermelho e, si avistavamos algum toco de pau, gritavamos: "Olha alli o lobo com os dentes afiados para nos comer!" e deitavamos a correr. O admistrador que nos acompanhava tinha de fazer o mesmo. Pobre homem!

A casa de Lilia está á margem do rio Parahybuna, mas coitadinha de Lilia nunca mais ha de ver o rio. Está tão mal que nem pode fallar.

Leonor chorava como si o coração se lhe despedaçasse, quando disse adeus a Lilia.

Nunca mais ha de vel-a.

Na volta não brincamos mais, estavamos tão tristes.

Breve tornarei a escrever.

Tua extremosa amiga

Rachel de Oliveira.

Escrever cartas a seus amiguinhos, a sua mãe ou a suas mestras.

LIÇÃO XXIII.

COMO SE FAZ A SEDA.

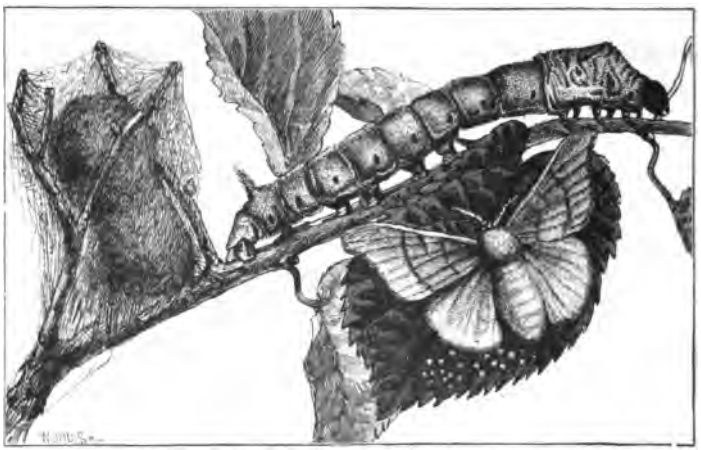
1. A seda de qualquer qualidade que seja é feita por um bichinho cinzento chamado bicho-da-seda. Estes bichos nascem de ovos que não são maiores que sementes de grama.

2. Logo que nascem são tão pequenos os bichinhos que apenas se podem ver. Precisam ficar guardados em lugar agasalhado. Não podem viver onde faz frio.

3. Os bichos-da-seda não comem senão folhas de amoreira. Comem todo o dia e crescem muito depressa.

4. Quando o bicho-da-seda fica maior

que a sua pelle, tira-a fóra e apparece com outra nova e melhor. Não come durante a muda. Mas logo que se mette em roupa nova, compensa o tempo perdido comendo depressa e com mais gana que nunca.



5. O bicho-da-seda muda de roupa quatro vezes. Depois cessa de crescer e não tem muito que viver. Neste tempo tem de idade pouco mais de quatro semanas, e é uma grande lagarta de cerca de tres pollegadas de comprimento. É então que começa a fazer a seda. Fia fios de seda e os tece em forma de bola a que chamamos casulo.

6. Tira a seda de que faz o casulo de dois buraquinhos perto da bocca. O interior do casulo é como um quartinho e de tamanho justamente sufficiente para conter o bicho-da-seda. Por fim o bicho fecha-se dentro deste casulo e não pode mais fiar. Agora só o que se pode ver é a redonda bola de seda, e não se percebe que o bicho está dentro.

7. Depois que o bicho fecha-se bem lá dentro, adormece e em poucas semanas transforma-se n'uma mariposa ou borboleta cinzenta. Si não se bulir nella, em pouco tempo rompe o casulo e sae. Mas não se deve deixar que ella saia por si; porque então os fios de seda ficariam picados em pedacinhos.

8. Por isso lançam-se os casulos em agua quente e as borboletas morrem escaldadas. Mandam-se então os casulos para os teares. Os fios quando se desenrolam são brancos ou amarellos como oiro e lindissimos.

9. Querem saber como a borboleta sae do casulo? Procurem em qualquer arvore de seus jardins ou da area da escóla,

que hão de achar algum casulo. Não será um casulo de bicho-da-seda, mas si o guardarem por algumas semanas em lugar quente, dahi ha de sahir uma coisa muito bonita. Em setembro ou outubro é que hão de procurar esses casulos e vejam si o que lhes digo não é verdade.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Casulo tear mariposa escaldar amoreira gana compensar lagarta pollegada tecer sufficiente fiar transforma desenrolam.

LINGUAGEM.

Dizer tudo o que sabe da seda.

Copiar o seguinte paragrapho e sublinhar os verbos.

O bicho-da-seda muda de roupa quatro vezes. Depois cessa de crescer e não tem muito que viver. É então que começa a fazer a seda.

Tornar a copiar o quinto paragrapho mudando os verbos para o tempo passado.

Escrever sentenças empregando em cada uma dellas uma das palavras novas da lição.

LIÇÃO XXIV.

UMA CONVERSA A RESPEITO DO CAFÉ.

1. Quando hoje de manhã ao almoço tomaram café, pensaram donde vinha aquelle pó pardo que dá uma bebida tão gostosa depois que se lhe deita em cima agua fervendo? Talvez pensem que o grão de café vem do armazem, mas não é ahi que elle dá; vem das nossas fazendas ou da roça. Donde veiu elle primeiro antes de ser plantado em nossas fazendas? Vou contar-lhes.

2. O càfé se faz dos bagos de uma arvore chamada cafeeiro. Esta arvore dá-se perfeitamente em paizes quentes como o nosso Brazil. É originario da Africa oriental, mas foi na Arabia onde os Europeus primeiramente o conheceram.

3. No seculo decimo oitavo os hollandezes plantaram no em Java, e foi de lá que vieram as primeiras sementes para o Brazil, onde sua cultura desenvolveu-se tanto que é hoje o café nosso principal artigo de exportação.

4. Nas Indias Occidentaes e no Mexico cultiva-se tambem muito café.

5. O café de Moka na Arabia é geralmente considerado o melhor de todos; mas o café do Brazil ou do Rio, como dizem os estrangeiros, alem de ser o mais abundante nos mercados dos Estados-Unidos e da Europa, não é inferior ao de Moka, tanto que algumas qualidades de café do Rio são vendidos por preço elevadissimo como café de Moka.

6. Ha uma historia muito velha de um pastor que, dizem, foi o primeiro que usou desta bebida. Elle notou que depois que

as cabras tinham comido as folhas de certa arvore — o cafeeiro — ellas ficavam mais vivas e mais ariscas. De modo que elle tomou folhas e bagos da tal planta, e fervendo-os com agua preparou uma bebida. Achou-a de gosto tão agradavel que fallou sobre isto a alguns visinhos. Tambem elles experimentaram e ficaram tão contentes como o outro. Foi assim que pouco a pouco a bebida tornou-se depois de algum tempo de uso geral.

7. O cafeeiro é uma linda arvore de dois a quatro metros de altura. Tem as folhas lisas, escuras, compridas e pontudas. Tem flores brancas que dão muito juntas em cachos nas hastes em redor dos galhos. Sua fructa é pequena e redonda; e dentro della estão os bagos de café, dois em cada uma.

8. A proporção que amadurece passa a fructa de verde a vermelha até roxo-escuro e torna-se adocicada. Na Arabia deixa-se a fructa cahir em esteiras que se põe embaixo das arvores; mas entre nós e em outros paizes geralmente é colhida logo que amadurece e posta para seccar ao sol em terreiros preparados.

9. Quando está secco vai o café para os engenhos que limpam os bagos da casca, sendo postos de novo a seccar. Depois põe-se em sacos e manda-se para o mercado donde é remettido para outros paizes, porque hoje toma-se café em todas as partes do mundo.

10. Mas antes de preparar-se o café para beber-se, é necessario torrar os bagos, afim de extrahir delles o seu gosto e cheiro delicado. Então é moido até ficar em pó como aquelle que viram pôr na cafeteira para o almoço. De hoje em diante quando beberem ou virem o café lembrem-se de donde veiu; quanto tem viajado; em quantos paizes tem estado; quantos mares tem atravessado; e quanta gente tem-se occupado em preparar-lhes esta bebida deliciosa.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Fazenda bago exportação Java Arabia Moka estrangeiro oriental ariscas esteira amadurece adocicado engenho torrar remettido extrahir artigo Occidentaes originario mercado.

LINGUAGEM.

Formar palavras com os suffixos,—eiro, eira, ação, ecer.

Cada alumno escreva a historia de um grão ou bago de café.

LIÇÃO XXV.

O MELHOR PRESENTE.

1. Era uma bella manhã de estio e alguns meninos estavam esperando á porta de uma casa de escóla n'uma villa americana. Conversavam alegremente uns com os outros e ouviam o canto dos passarinhos do outro lado do caminho, quando o mestre Anselmo chegou e disse em voz alegre e amorosa, como sempre fazia: "Bem vindos, meus meninos." "Bem vindo, meu mestre," gritaram elles.

2. Entraram para a sala e assentaram-se; ficaram muito tempo quietos emquanto o mestre lia uns versos da Biblia e depois cantaram um hymno.

3. Tiraram das carteiras os livros com as pontas enroladas e gastas e começou a

aula. Os vadios esqueceram-se de suspirar, fechar a cara e desejar que chegasse a hora de descanso, porque mestre Anselmo fallou-lhes com muito bom modo e tornou todas as suas lições tão faceis pela maneira porque as ensinou que as horas se passaram mui rapidamente.

4. Quando acabou o estudo, o mestre tirou da escrivaninha uma coisa de apparencia mui exquisita toda pintada com figuras de passaros. Chamou os rapazes e disse-lhes que trouxera um presentinho para cada um. E emquanto rodeavam a mesa, tirou da tal caixinha umas conchas brancas e côr de rosa, e brinquedos bonitos que deu aos meninos, com expressões de amizade e bondade.

5. Mas a coisa mais bonita de todas era a estatueta de um anjinho. Elle estava com as duas mãosinhas brancas crusadas sobre o peito e o rosto erguido para o ceu; era tão lindo e tão puro que os meninos olharam para elle com os olhos cheios de alegria. Nunca tinham visto coisa assim. "Oh! que lindo anjo! que belleza de anjinho!" exclamaram todos.

6. O bom mestre sorriu-se e disse: "Este anjinho é muito bonito para se dar a um menino que não seja bom e verdadeiro de coração. Mas aquelle que amanhã me trouxer a coisa mais brilhante da terra terá para si o anjo." Os meninos olharam uns para os outros, sem saber se tinham comprehendido bem o mestre. Mas elle não disse mais nada e foi para a casa.

7. No dia seguinte, depois de findas as lições, os meninos reuniram-se em torno do mestre para mostrar-lhe o que tinham trazido. Alguns tinham apanhado na estrada pedrinhas scintillantes, um tinha esfregado um pedaço de prata até que brilhasse como um espelho; outro trouxe um relogio de cristal que lhe dera seu pae, e Henrique, filho de um negociante trouxe um alfinete de gravata com uma pedra cravada no centro que brilhava como um diamante. "Ah! o meu é o mais brilhante!" exclamou Henrique.

8. "Mas onde está Carlinhos?" perguntou mestre Anselmo, olhando em redor de si. "Não podemos decidir emquanto Carlinhos não trouxer o seu presente." Neste

momento Carlinhos, filho unico do padeiro, entrou correndo na sala. Com as mãos segurava levemente n'uma pomba branca de neve conchegando-a ao seu pescoço. Algumas gotas vermelhas sobre as pennas do peito mostravam que ella fôra ferida.

9. "Oh! meu mestre," exclamou Carlinhos, "eu estava procurando alguma coisa brilhante para trazer-lhe, quando encontrei esta pobre pombinha. Uns meninos maus atiraram-lhe pedras, e eu apanhei-a depressa e corri para cá. Oh! estou com medo que ella morra!" Quando estava fallando assim, a pomba fechou os olhos; chegou-se mais para o pescoço de Carlinhos, deixou cahir a cabeça e morreu.

10. Carlinhos cahiu de joelhos perto da escrivaninha do mestre e de seus olhos cahiram sobre a aza quebrada da pobre pombinha duas lagrimas grossas e brilhantes.

11. O mestre tomou delle o passarinho morto e ternamente collocou-a sobre a mesa. Depois voltando-se para os alumnos, disse: "Meus meninos, não ha coisa

mais brilhante sobre a terra do que uma lagrima terna e compassiva." "Dá o anjinho branco a Carlinhos!" bradaram os meninos. "Sabemos agora o que o senhor queria dizer; e o presente delle é melhor que qualquer dos nossos."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Compassivo Biblia estatueta villa escrivaninha Anselmo apparencia hymno conchegar bradaram cristal anjo carteiras enroladas gastas.

773199A

LINGUAGEM.

Que especie de mestre era Anselmo? Que lição aprendemos desta historia?

RECORDAÇÃO.

Respostas escriptas ás seguintes perguntas. — Onde pode achar uma palavra nesta lição que tenha emphase de força? — *emphase de tempo?*

Repetir as palavras de Carlinhos.
Descripção da estatueta.

LIÇÃO XXVI.

LAGRIMAS DIVINAS.

Muita vez disparando a lei do acaso,
Setta veloz o indio descuidoso,
Vai esta se cravar, rompendo os favos,
Em colméa que mora em tronco annoso.

E,— como sangue de ferida aberta
No coração,— em onda perfumada—
Um doce e puro mel manando corre,
E o veneno destroe da ponta hervada.

Tambem fostes assim, meus pobres cantos! —
Do arco da vida settas peregrinas
Disparadas alem — tambem tivestes
De pios olhos lagrimas divinas.

Divinas, sim! que me lavaram d'alma
A nodoa da descrença envenenada,
Como o mel que manou do tronco annoso
Negra morte extrahiu da setta hervada.

THEOPHILO DIAS.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Lagrimas acaso disparar veloz descuidoso indio perfumada cravar romper hervada peregrinas veneno manar pios descrença annoso.

LINGUAGEM.

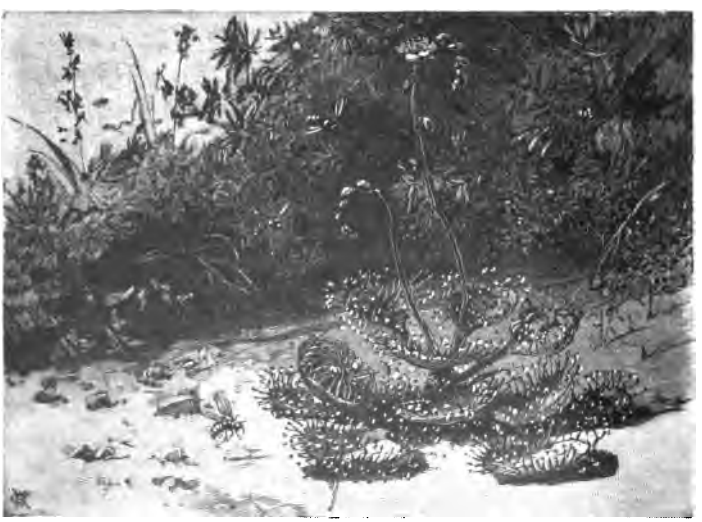
Como sabem que isto é poesia? Que nota de especial aqui? Que acontece algumas vezes a setta disparada á toa? Onde mora a colméa? Que acontece aos favos? Que faz o mel ao veneno da setta? Com que compara o poeta seus cantos? Porque? Como estava a setta? Que coisa compara elle com o mel? Porque? Que purificou a alma do poeta? Que nodoa tinha ella? Porque chama a descrença envenenada?

Decorar esta lição.

LIÇÃO XXVII.

ARMADILHA EXQUISITA.

1. Nos campos pantanosos de New-Jersey, nos Estados-Unidos ha umas flores silvestres cor de rosa com folhas compridas e verdes que scintillam á luz do sol como se fossem cravejadas de milhares de brilhantes. Isto não é devido ás gotas da chuva nem do orvalho, porque se vê no tempo mais secco e mesmo quando o sol está a pino, e não ha mais orvalho.



2. Olhando-se bem de perto vê-se que cada folha estreita está coberta de tenues talos guarnecidos na ponta com uma gota brilhante do que parece orvalho. Tocando-se nella com o dedo sente-se que é viscosa. Parece que o sol que secca o orvalho commum ou as gotas de chuva, faz com que este fluido viscoso mane do pequeno talo. É por isso que chamam aquella planta o *orvalho do sol.*

3. A folha desta planta tem a forma da de uma palmeira de leque, franjada em redor da borda, e o lado superior está cravado de fileiras cerradas dos taes talos muito tenues, que se estendem para todos os lados, como os braços de uma especie de animal marinho procurando alcançar a presa. A folha não é chata de todo, mas um pouco funda no meio, como um prato de sopa ou um pires.

4. Os insectos gostam muito de esvoaçar em redor desta planta e mais cedo ou mais tarde elles tem de roçar a gase de suas azas contra a folha ou de pousar sobre ella. Então para elles não ha mais esperança; ficam seguros, tal qual as

moscas presas sobre o papel preparado e aberto para apanhal-as.

5. Uma abelhinha que pouse no meio de uma daquellas folhas scintillantes e que parecem tão innocentes! É apanhada. Si luta para livrar-se, só consegue grudar cada vez mais os pés e as azas, ás gotas viscosas dos talosinhos, que começam todas a curvar-se para o meio, e finalmente a pobre abelhinha fica enleada em cem braços finissimos.

6. Mas a coisa mais extraordinaria não é apanhar a abelha. Muitas outras especies de folhas e botões viscosos enleiam e prendem os insectos; mas o orvalho-do-sol os devora. A folha actua justamente como o estomago de uma pessoa, depois de ter recebido alimento; entorna sobre o insecto uma especie de liquido que amollece e absorve tudo quanto é bom para seu alimento.

7. No estomago ha um fluido que converte em sangue parte dos alimentos que se engolem; e o sangue restabelece o corpo cada dia, torna-se carne e ossos, dá vida e crescimento. O fluido da folha do

orvalho-do-sol faz exactamente a mesma coisa para a planta, somente em vez de carne e sangue converte-se em seiva, folhas e flôres.

8. Uma refeição completa dura para a folha desta planta alguns dias e ás vezes uma semana ou mais. Depois que a mosca ou qualquer coisa boa para alimento foi apanhada e comida, os talosinhos abrem-se de novo mui lentamente. Isto mostra que a folha está outra vez com fome e prompta para outra refeição.

9. Procurando saber da natureza destas plantas extranhas, os homens as tem alimentado com muitas coisas differentes-carne, leite e papas. Quando se entornam gotas de leite sobre uma folha, muitas vezes ella curva-se encolhendo nas bordas, tornando sua cavidade mais funda e então os talosinhos todos inclinam as cabeças para dentro afim de tomar parte na refeição.

10. Notou-se uma coisa muito extraordinaria; si um pedacinho de carne fôr cortado em dois, e uma parte collocada sobre a folha e a outra sobre qualquer musgo

proximo, a carne do musgo estraga-se e enche-se de vermes, ao passo que a da folha se conserva fresca até que a planta acabe de devoral-a.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

New-Jersey Estados-Unidos scintillam cravejados guarnecidos orvalho a pino tenues talos viscosa manar actuar franjado marinho fluido papas musgo proximo concavidade estomago extraordinaria esvoaçar.

LINGUAGEM.

Que é New-Jersey? Descrever a planta orvalho-do-sol. Qual é a cor das flores? Que se observa nos talos? Que differença ha entre esta gota brilhante e a da chuva ou a do orvalho? Qual a forma da folha? Os insectos gostam ou não? Que acontece aos insectos que approximam-se della? Porque não pode livrar-se a abelhinha que ahi cae? Que faz a folha aos insectos depois de apanhal-os? Como se pode comparar esta folha com o nosso estomago? O que faz o sangue para o nosso corpo? Quanto tempo pode a folha passar sem comer? Como se pode saber si ella está com fome? Que notou-se quando entornam-se sobre a folha gotas de leite? E com a carne que se colloca sobre a folha?

RECORDAÇÃO.

Fazer uma lista dos verbos do primeiro paragrapho e classifical-os.

Dizer em que tempo estão.

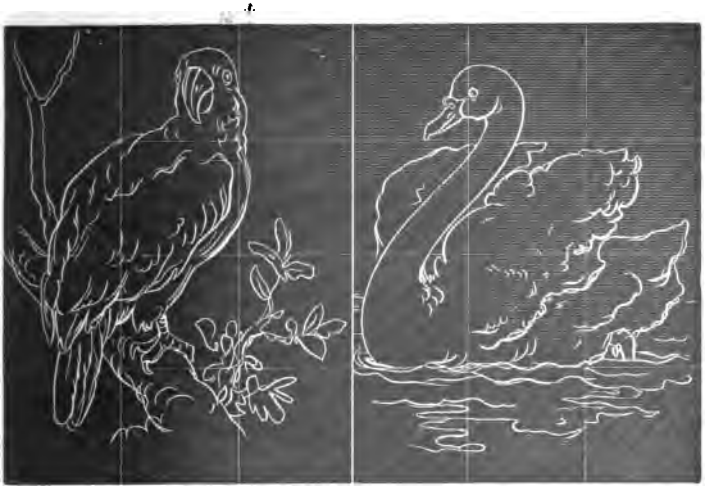
Mudar esses verbos para o futuro.

Dizer si são regulares ou irregulares e a que conjugação pertencem.

[A mestra explica os modos, tempos, numeros e pessoas do verbo, sua regularidade ou irregularidade e como se conhecem as quatro conjugações.]

EXERCICIO NA PEDRA.

Os alumnos devem riscar suas pedras em quadrados que correspondam ao diagramma que vem abaixo e depois reproduzir o desenho.



LIÇÃO XXVIII.

A ORAÇÃO DA INFANCIA.

Quando a creança mal soletra a vida,
No psalmo escripto pela mão divina,
Guarda na memoria uma oração querida
Que o amor materno ao coração ensina.

É phrase doce que não cresta o labio,
É melodia que a innocencia embala,
Diz mais que um livro que escreve um sabio,
Diz mais que o aroma que da flor se exhala.

Tem da ternura o abecedario inteiro,
Da voz dos anjos o sonoro enleio,
Ninguem no mundo a traduziu primeiro,
Nem mesmo a ave em virginal gorgeio.

A meiga brisa que roçou nas aguas
Vai repetil-o na amplidão dos ceus,
Somente a entende quem não soffre magoas,
Ou tem nos filhos um condão de Deus.

DR. A. VAREJÃO.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Soletra psalmo cresta condão melodia embala aroma abecedario sonoro virginal magoas traduziu.

LINGUAGEM.

Escrever quatro sentenças empregando palavras desta lição.

A mestra escreve na pedra a poesia omittindo a ultima palavra de cada verso, a qual tem os alumnos de supprir.

Decorar a poesia.

LIÇÃO XXIX.

O ALGODÃO.

1. "Papae, desejava muito saber tudo o que diz respeito ao algodão e como se faz o panno," disse Armando.

"Muito bem, Armando," tornou o Sñr. Silva, "vou tratar

de responder a todas as perguntas que me fizeres."

2. "Pois então, que é algodão?" perguntou Armando.

"É uma felpa muito macia que dá no capulho de uma planta."

"Faça o favor de dar-me alguma explicação acerca dessa planta."

3. "O algodoeiro é cultivado em nosso paiz, no sul dos Estados-Unidos, na India e em outros paizes."

"Como é elle?"

"É um arbusto—muitas vezes são os algodoeiros chamados arvores. Crescem de um a dois metros de altura, e são plantados em fileiras como o milho. Quando os capulhos, onde dá o algodão, ficam maduros, abrem-se e deixam apparecer a sua branca felpa."

4. "Ja vi uma gravura de um campo de algodão," disse Armando. Havia lá uns negros apanhando o algodão e carregando-o em cestos."

"Elles estavam levando para o descaroçador."

"Que é descaroçador?"

5. "É uma maquina para descaroçar ou tirar fóra a semente ou o caroço."

"Tem o algodão muitos caroços?" perguntou Armando. "Tem tantos que antes de haver descaroçador dava muito trabalho preparar o algodão."

"Esses caroços que se tiram, são para plantar?" perguntou Armando.

6. "São, mas em pequena quantidade; porque da maior parte delles faz-se excellente azeite. Os caroços são socados e exprimidos, e, depois de tirado todo o oleo, dá-se o bagaço ao gado para engordal-o."

"Então alem do panno ha alguma coisa mais feita de algodão," disse Armando; "mas ainda não me disse nada a respeito do panno."

7. "Havemos de chegar lá daqui a pouco, Armando. Depois de descaroçado o algodão é arranjado em grandes balas e mandado para as fabricas."

"E ahi é que delles fazem o panno?"

"Primeiro fazem o fio e depois o panno," disse o pae.

8. "Como é que se faz isso?" perguntou Armando.

"Nunca viu uma roda de fiar e um tear antigos?"

"Vi, sim," disse Armando, "uma roda e um tear, que estavam guardados no salão da casa de vovó. Ella me contou como trabalhava com elles, e que levava muito tempo a fazer uma vara de panno, quando era moça."

9. "Bem, agora, Armando, cada fabrica tem um grande numero de fusos para fiar o algodão; e como se emprega vapor, os fusos movem muito mais depressa e com mais firmeza do que no tempo antigo."

"Os teares que agora se usam para tecer o panno fazem isto muito melhor do que tua avó nunca julgou que fosse possivel."

10. "O morim é feito de algodão, não é, papae?"

"É certamente. Os bonitos vestidos de chita, que vês, não são senão panno de algodão estampado com differentes côres."

"Não ha mais nada a respeito do algodão?" disse Armando.

11. "Isto ainda não é tudo. Podes dizer o que se faz com a roupa velha do algodão?"

"Posso, sim; ouvi dizer que os trapeiros a compram para com ella se fazer papel."

"E papel muito bom, Armando; assim como este em que escrevemos."

12. "Espero que me ha de levar alguma vez ás fabricas de panno e de papel para ver como se trabalha," disse Armando.

"Hei de levar-te," disse o pae, "e então has de entender muitas coisas que eu não posso explicar-te sem que as vejas."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Estampado trapeiro gado negros fabrica algodão sotão felpa descaroçador bagaço socados exprimidos balas vara chita Armando.

LINGUAGEM.

Supprir as palavras que faltam.

O algodão é ——.

Dá no ——.

É cultivado em nosso ——.

Elle —— na India.

——`cultiva-se em outros paizes.

O descaroçador é ——.

Dos caroços faz-se ——.

A roupa velha de algodão serve ——.

O vapor faz —— muito mais depressa do que as mãos.

Agora com as maquinas a vapor trabalha-se —— e com —— do que nos tempos antigos.

O morim é feito de ——.

Cada fabrica tem ——.

O algodão é arranjado em ——.

RECORDAÇÃO.

Escrever sentenças contendo as conjuncções *e, mas, ou, si, nem, porque.*

Escrever uma lista de cousas feitas de algodão.

[Os alumnos reunem a primeira e a segunda proposições; a terceira, a quarta, e a quinta; a sexta e a setima; a decima e a decima primeira empregando *palavras de ligacão* ou conjuncções convenientes e omittindo todas as palavras desnecessarias

A mestra ensina o que é conjuncção.]

MAXIMA PARA DECORAR.—Quanto sabes, tanto vales.

LIÇÃO XXX.

CARTA DE MILOTA.

Petropolis 10 de dezembro de 1894.

Mariquinhas, minha amiga,

Mamãe não está em casa e eu não posso achar o diccionario.

Tenho que responder a esta pergunta: "Que é um bambú?" Cazuza me diz que é uma especie de ave assim como um pombinho preto.

Pedroca me diz que é uma especie de pirão.

Chico me diz que é um bicho de cauda comprida e que tem o corpo coberto por um cascão duro como a tartaruga.

Eu digo que é o nome de uns pretos que habitam na India.

Ora, estou certa de que me podes explicar isto, e eu queria ter o gosto de mostrar a Cazuza, a Pedroca, e a Chico que pouco ou nada sabem.

Aquelle homem de turbante não é um bambú? Os meninos estão se rindo de mim, mas não tenho rasão?

Tua prima

Milota.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Petropolis Mariquinhas Cazuza Chico Milota turbante prima Pedroca bambú.

LIÇÃO XXXI.

RESPOSTA DE MARIQUINHAS.

Cidade de S. Paulo.

14 de dezembro de 1894.

Minha querida Milota,

Quando li a tua carta fiquei em tal convulsão de riso que o gato que estava no meu collo deu um pulo e sahiu correndo de susto.

Bambú é uma gramminea, especie de taquara ou caniço, que dá na India ou na China, onde se emprega para construir casas e para muitas outras coisas. Hoje acha-se o bambu em todos os paizes quentes e especialmente no Brazil.

Nunca viste uma vara de bambú?

Cazuza estava pensando n'um anum, que é um passaro nosso que quando canta parece pronunciar seu nome.

A especie de pirão é o angú. O bicho de cauda comprida é o tatú. O homem de turbante é um hindú e não um bambú.

Elle havia de dar boas gargalhadas si lhe perguntasses a mesma coisa que a mim.

Mas não faças caso, minha querida amiga, todos nós temos de aprender.

Tua prima

Mariquinhas.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Convulsão collo susto taquara China anum pirão angú tatú hindú gargalhadas.

LINGUAGEM.

Cada alumno escreve uma carta a um amigo, conforme o modelo acima, a respeito de uma excursão.

Devem-se incluir os seguintes pontos.

Onde fui.	A quem vi.
Como fui.	Quanto tempo demorei.
Que vi.	Como gostei.

O desenvolvimento de cada ponto deve ter um paragrapho separado.

MODELO PARA ENDEREÇAR A CARTA.

Illma. Snr^a. D. Amelia de Avellar,
Rua Direita, 14,
Florianopolis,
S. Cath.

Copiar.

Os mancebos são como as plantas; conhece-se pelos primeiros fructos o que d'elles se deve esperar para o futuro.

LIÇÃO XXXII.

O ASSUCAR.

1. "Mais um pouco, por favor," disse Alexandre quando sua mãe estava pondo assucar no seu café de manhã.

"Parece-me que gostas muito de assucar, Alexandre," disse o pae; "quem sabes si não podes dizer-nos como se faz?"

2. "Tia Chiquinha disse-me que era feito do sumo de uma especie de canna que dá muito não só no nosso paiz, como em todas as terras quentes; mas não me disse como se fazia."

"Supponho que foi porque era um processo longo e difficil de explicar-te, a não ser que pudesses vel-o fazer."

3. "Já reparei que a canna, quando está crescendo se parece milho que se vê nas roças."

"De ordinario a canna eleva-se de dois a quatro metros de altura, e algumas vezes chega a seis."

"Como é que do talo se extrae o caldo doce?"

4. "Corta-se o caule da canna, que é um colmo, tira-se-lhe as folhas e a parte de cima, leva-se para o engenho e mette-se entre dois grandes cylindros de ferro. Estes cylindros moem a canna, isto é, amassam o talo e o tornam chato como

uma folha de papel, e expremem fóra o caldo ou sumo."

5. "Tira-se muito caldo de uma canna só?" disse Alexandre. "Sim, muito! si a canna é boa. De cincoenta kilos de canna tiram-se trinta e cinco kilos de caldo."

"Mas como é que se faz o assucar do caldo?" perguntou Alexandre. "Aquenta-se este caldo, que parece agua suja, em grandes tachos de ferro ou de cobre. A parte acquosa do caldo secca, e o assucar fica. Depois de ferver por muito tempo e com muito cuidado não fica mais nada senão os cristaes do assucar, que então refina-se, clarifica-se e aprompta-se para vender."

6. "Mas como é que fazem ficar vermelho?" perguntou Alexandre. "Vermelho! não entendo o que quer dizer."

"Ora, não me disse que as balas eram feitas de assucar?—e ha balas vermelhas," disse Alexandre.

7. "Oh! agora entendo. As pessoas que fazem as balas, tingem o assucar da côr que lhes convem. Todo assucar fino e bom é de um branco purissimo."

"Não se faz assucar de outra coisa que não seja a canna?" perguntou Alexandre.

"Sim, faz-se tambem de beterraba, de bordo e de alguns canicos e hervas."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Sumo Chiquinha processo cobre ferro cylindros engenho tacho Alexandre beterraba canna amassam acquosa refinam kilos bala clarificam colmo.

LINGUAGEM.

Os alumnos escolhem algum assumpto facil e o tratam conforme as direcções seguintes.

Arranjar partes para a analyse.

Fazer uma ou mais perguntas a cerca de cada parte.

Responder ás perguntas em sentenças completas.

Unir as asserções onde se julgar melhor.

Arranjar paragraphos do mesmo modo que as partes para analyse.

LIÇÃO XXXIII.

AS PLANTAS.—A FLOR. I.

1. Porque gostamos tanto de flores? É por causa de suas lindas formas e suas bellissimas cores; ao passo que os suaves perfumes que muitas dellas exhalam as torna ainda mais agradaveis.

2. Qual é a forma das flores? As flores tem uma grande variedade de formas. Ha tantas formas de flores como ha de folhas. Mas quasi sempre se pode differençar uma folha de uma flor só pela forma, mesmo sem conhecer a côr.

FOLHA DA MACIEIRA.

3. Aqui está o desenho de uma folha e de uma flor. Ora, bem sabem qual é a folha e qual a flor, ainda que não vejam cor nenhuma. Como é isto? Vêem que a folha é somente uma laminasinha, mas que a flor tem varias laminas arranjadas em circulo.

FLOR DE LIRIO.

4. Um grande numero de plantas tem flores como o lirio. Algumas tem só tres laminas em circulo, e outras tem quatro, cinco, seis ou muitas mais.

5. Estas laminas chamam-se *petalas.* São muito abundantes as flores de cinco petalas dispostas em circulo e tomando uma especie de forma *redonda.* E sabem que ha alguma coisa *redonda* em quasi todas as flores? Si as laminas ou petalas não estão exactamente em circulo, estão quasi com certeza presas a um saquinho redondo ou a um tubo um tanto semelhante ao cano de uma penna.

6. Tambem pode não haver laminas separadas umas das outras, mas todas podem estar juntas fazendo a flor ouca como uma chicara. Basta pensar na campainha, que tem a forma de uma chicara funda (ou mesmo muito semelhante a uma campainha) com entalhos nas bordas. É verdade que tambem ha folhas que são bem redondas, mas então não são oucas ou em forma de chicara como uma flor. São chatas.

7. Em algumas flores ha como que uns

fiosinhos, ás vezes amarellos, dispostos em circulo. Em muitas plantas elles levantão-se direitos do fundo da flor. Na ponta de cada um ha um nósinho pouco mais ou menos do tamanho de uma cabeça de alfinete, mas não tão redondo. Os nós são pela maior parte estreitos e compridos ou como dizemos oblongos. Este fio com seu nósinho chama-se um *estame.*

8. Si repararem em outras flores, não hão de ver estes *estames;* mas em vez delles vereis erguidos bem direitos no centro outras coisinhas semelhantes a fios. Pode haver um só, ou dois, tres ou muitos em uma mesma flor. Parecem-se um tanto com os estames; mas os nosinhos, si os ha, são geralmente mais redondos, muito semelhantes na forma a uma continha.

9. Estes fiosinhos com os nós redondos chamam-se *pistillos.* Alguns pistillos tem dois, tres, quatro ou cinco nós.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Perfume petalas oblongo estames nósinhos saquinho pistillo laminasinha exhalão lirio variedade entalho tubo campainha ainda que.

LINGUAGEM.

Fazer uma lista de nomes de flores do jardim.

Escrever cinco sentenças, uma affirmativa, uma negativa, uma interrogativa, uma exclamativa e uma imperativa, empregando em cada uma dellas um nome de flor.

Affirmativa.—A rosa é a mais bella das flores.
Negativa.—O jasmin não tem espinhos.
Interrogativa.—Que côr tem a violeta?
Exclamativa.—Como é cheiroso o cravo!
Imperativa.—Faze um ramalhete de margaridas.

Escrever as seguintes palavras omittindo a ultima letra e accrescentando ista.

Maquina congresso harpa partido estado fogo rabeca piano occulo monarcha bairro farça planta banho.

LIÇÃO XXXIV.

AS PLANTAS.—A FLOR. II.

1. É no fundo do pistillo que a tenra sementinha cresce. Durante o tempo em que a linda flor deleita a vista com seus encantos de forma e côr; a semente tão tenra é pequenina que nem se pode ver, está principiando a crescer dentro da flor no fundo do pistillo.

2. Depois que caem ou murchão as petalas da flor, a semente vai crescendo até ficar madura, ao passo que a base ou o fundo da flor, geralmente duro e verde, cresce em roda da semente e faz o fructo.

3. Assim temos a flor da abobora, grande, amarella e em forma de campainha. Está desabrochada de pouco com seu pistillo de tres nós alegrando a luz do dia com sua bella côr, emquanto as formigas, as abelhas, as vespas e as borboletas penetrão dentro della para chupar-lhe o mel; e em todo esse tempo o fructosinho está crescendo no fundo. Dahi a pouco a flor murcha e desfolha; e onde estava a flor principia a crescer e amadurecer uma grande abobora.

4. Mas na aboboreira ha outras flores. São grandes, amarellas, em forma de campainha e bonitas tambem; mas quando ellas murchão e desfolhão, não vem fructo algum depois dellas tomar-lhes o lugar.

5. Então para que servem ellas? Ah! é o que vamos saber. Olhe bem para dentro dessas flores e ha de ver estames,

mas não pistillos. Flores assim não podem dar fructo. Nenhuma semente dá n'um estame.

6. "Para que servem os estames?" pergunta-me. É muito curioso o que ha a respeito de estames e pistillos. Naquelles mesmos nósinhos dos estames ha um pó muito fino. Esse pó quando está maduro, esforça-se para sahir dos nós; e quando as abelhas, as borboletas ou outros bichinhos entrão na flor, roção-se nos nós e o pó fino fica pegado nelles.

7. Immediatamente vão para outra flor de abobora, talvez para uma que tenha pistillo. É naturalmente muito provavel que elles do mesmo modo rocem-se contra ella tambem. Então o pó fino — chamado *pollen* — trazido do estame da outra flor, apega-se a um dos nós do pistillo.

8. É então, e não até então, que a semente invisivel começa a crescer no fundo do pistillo. O pollen tinha de vir do estame, ou então nenhuma semente teria crescido no pistillo. Assim vê que os estames tem trabalho para fazer. Nos seus nós cresce o pollen, e esse pollen de al-

guma maneira ha de chegar aos pistillos ou então a planta não dará fructo.

9. Muitas folhas tem na mesma flor estames e pistillos. Nessas flores o pistillo está no meio e os estames de ordinario crescem em circulo ao redor delle.

10. Já viu uma flor de macieira? Essa tem o pistillo no meio com os estames em roda. O pollen dos estames chegão-se ao pistillo, e é só então que a maçãsinha começa a crescer.

11. Depois de perfumar por alguns dias o ar com seus odores, as pequenas laminas rosadas ou petalas da flor caem, a maçãsinha pequenina como uma conta, vai crescendo cada dia mais; e na volta do outomno, vê-se pendurada na arvore uma bella camoeza. Lembre-se de que foram os estames e os pistillos que fizerão crescer aquella maçã.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Abobora tenra deleita murchão madura base desabrochada roção alegrando vespas borboletas desfolhão pollen outomno camoeza.

LINGUAGEM.

Onde cresce a sementinha? Até quando cresce a semente? Ha sementes em flores que só tem estames? Que faz crescer a semente? Como é levado o pollen de umas flores para outras? Ha plantas que tem estames e pistillos na mesma flor?

Formar dois derivados das palavras seguintes.

Tinta trabalho couraça livro cabello doce quieto prompto bom paciencia presente dente.

Copiar Estes Versos.

Cae a chuva que refresca,
Revigora as tristes flores;
Depois o sol apparece
E enche a terra de fulgores.

Si sempre cahisse a chuva,
As flores inundaria;
Si brilhasse sempre o sol,
As flores destruiria.

LIÇÃO XXXV.

NÃO-ME-DEIXES.

Debruçada nas aguas de um
regato
A flor dizia em vão:
Á corrente, onde bella se
mirava,
Ai! não me deixes,
não!

Comigo fica ou leva-me comtigo
Dos mares á amplidão,
Limpido ou turvo, te amarei constante;
Mas não me deixes, não!

E a corrente passava; as aguas
Após as outras vão;
E a flor sempre a dizer, curva, na fonte,
Ai! não me deixes, não!

E das aguas que fogem incessantes
Á eterna successão
Dizia sempre a flor, e sempre em balde:
Ai! não me deixes, não!

Por fim desfallecida e a côr murchada,
Quasi a lamber o chão,
Buscava inda a corrente por dizer-lhe
Que a não deixasse, não.

A corrente impetuosa a flor enleia,
Leva-a no seu torrão;
A afundar-se dizia a pobresinha:
Ai! não me deixes, não!

GONÇALVES DIAS.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Debruçada regato em vão corrente mirava não-me-deixes limpido turvo constante após incessantes eterna successão torrão impetuosa desfallecida afundar-se em balde curva fonte.

LINGUAGEM.

Analysar os nomes das duas primeiras quadras, isto é, dizer si são proprios ou communs, seu genero, e numero. Ex.

Corrente—nome commum, feminino singular.

Analysar os artigos da 3ª e da 4ª quadras, isto é, dizer sua terminação, seu genero e sua concordancia com a palavra que determina. Ex.

A—artigo na terminaçâo feminina do singular por concordar com genero e numero com *corrente,* que determina.

Na—contracção da preposição *em* e do artigo *a* na terminação feminina.

LIÇÃO XXXVI.

A MAGNOLIA.

1. A Magnolia é considerada como o mais bello dos vegetaes. É uma arvore de um porte magestoso, com lindas flores e folhas grandes e abundantes.

2. Em seu paiz natal, a America do Norte, eleva-se a magnolia a trinta e trinta e cinco metros, e seu tronco de um metro de diametro, direito, liso e nú, até grande altura, revestida de uma casca lisa e pardacenta, termina em uma bella copa de forma conica.

3. As folhas são grandes, oblongas, coriaceas, lustrosas em cima e tintas em baixo de uma bella côr ferruginosa.

4. As flores são de um branco purissimo, muito cheirosas, chegando a ter vinte e cinco centimetros de largura, e cobrem as arvores de maio a setembro. Quando em uma arvore isolada se agrupão as flores em grande numero, ella apresenta assim uma vista tão bella de que nenhum outro vegetal pode dar idéa. Compõem-se as flores de nove a doze grandes petalas abertas, e são substituidas por um fructo conico de dez a doze centimetros de comprimento.

5. Ha varias especies de magnolias, mas a mais apreciada pela sua belleza é a que tem as grandes flores, a magnolia grandiflora.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Magnolia porte magestoso coriacea abundantes diametro ferruginosa conica pardacenta revestido substituido agrupão.

LINGUAGEM.

Riscar o papel segundo este modelo e escrever a analyse das palavras.

PALAVRA	ANALYSE	SIGNIFICAÇÃO
magestoso	magestade + oso	cheio de magestade
lustroso		
cheirosa		
ferruginosa		
pardacenta	parda + centa	um tanto pardo
alvacento		
cinzento		
amarellento		
bellissimo	bello + issimo	muito bello
lindissimo		
grandissimo		
larguissimo		

Copiar os Seguintes Versos.

A MAGNOLIA.

Largas petalas concavas, brancura
De rosto ou de marfim lacteo e formoso;
Alva a corolla, alvissima a textura
Do seio-urna de aroma capitoso,

Nem candida mulher perfeita e pura —
Sonho de fino artista caprichosa —
A comparar seu collo se aventura
Da flor ao niveo collo setinoso.

No emtanto da magnolia altiva e regia,
Linda que o sol, o proprio sol protege-a,
Nuns longos veus de luz pallida e mansa.

A profanar-lhe a alvura extranha e rara,
Leve contacto angelico bastara
Das pequeninas mãos de uma creança.

ZALINA ROLIM.

LIÇÃO XXXVII.

AS PLANTAS.—O FRUCTO.

1. Si cortar pelo meio uma maçã, que achará dentro? As sementes. Estas sementes principiam a crescer no fundo do pistillo da flor. As petalas côr de rosa e os fiosinhos dos estames cahiram; e depois continuaram a crescer as tenras sementinhas e em redor dellas cresceu a parte verde e dura da flor.

2. Emquanto estavam crescendo as sementinhas e a parte inferior da flor, a grande maçã redonda e as sementes no interior della estavam amadurecendo. Ora, para que servia toda aquella parte da maçã em redor da semente? Vai dizer: "Oh! crescia alli para comer-se."

3. Sim, era para isso; mas não era só para isso. Todo o tempo que a maçã estava amadurecendo ella servia de casa para as sementes. Protegia-as contra o tempo, e sem duvida abrigava-as dos bichos e das moscas. Até que por fim as tenras sementinhas ficaram maduras e adquiriram uma boa pelle bem forte e rija.

4. Esta casca das sementes chama-se fructo. Quando esse fructo se come, chama-se então especialmente a fructa. Todas as plantas dão fructo; mas nem todas dão *fructa*, isto é, fructo que serve para comer-se.

5. Não devemos commetter o erro de chamar fructo ás coisas que não o são. As batatas não são fructos: são intumescencias, chamadas tuberculos, que crescem nas hastes subterraneas da planta

da batata. Quando se corta uma batata, não se acham sementes. Mas a planta da batata *tem* sementes. Tem flores, fructo e sementes tudo acima da terra.

6. Mas em geral desenterra-se a planta da batata antes que amadureçam o fructo e as sementes. É só daquellas grandes massas a que chamamos batatas, que cuida o hortelão; e da planta da batata são ellas as unicas coisas que comemos.

7. Com os tomateiros já é differente. Estes não têm tuberculos nas raizes, mas dão aquellas lindas fructas a que chamamos tomates. Quando abre um tomate, que vê? Uma grande quantidade de sementes. Isto mostra que é um fructo.

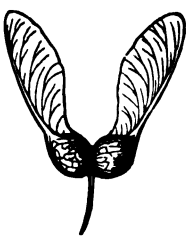
8. Ora, o tomateiro e a batateira têm muita semelhança entre si. São como irmão e irmã da mesma familia. Mas do tomateiro comemos a fructa; e da batateira comemos, não o fructo, mas um tuberculo que cresce debaixo da terra.

9. A batata doce não é fructo. É um grande tuberculo na raiz da batateira doce; e esta planta tem flôres e fructos muito semelhantes aos de sua irmã, a tre-

padeira que dá campainhas. Esta irmã, a trepadeira de campainhas não tem tuberculos na raiz; mas tem lindissimas flores.

10. Lembre-se então de que só chama-se fructa ao fructo de uma planta, o qual serve para comer-se; mas que *o fructo* de uma planta é aquillo que guarda a semente. Uma vagem é o fructo da planta da fava; e quando a vagem fica madura e secca, estala e abre, e lá dentro estão as sementes, as favas, promptas a cahir. Acontece o mesmo com as ervilhas. As ervilhas são as sementes da planta da ervilha e a vagem da ervilha é o fructo.

11. Os fructos têm muitas formas, mas quasi todos têm em si alguma coisa de redondo. Pode lembrar-se de maçãs, araçás e goiabas; pecegos, limões e laranjas; uvas melões e mangas. As nozes e as bolotas tambem têm em si qualquer coisa de redondo.



12. Mas ha fructos que não são tão redondos. O bordo tem fructos desta forma. As duas sementes estão muito unidas e perto da haste, e de cada parte

grossa e redonda onde está a semente sae uma lamina ou asa muito delgada. Depois que amadurece o fructo, deixa a arvore e vai esvoaçando pelo ar.

13. A bolota é um fructo com um calice. Algumas plantas tem o fructo semelhante a uma caixinha. A tampa abre-se quando elle está maduro, e cahem as sementes. A beldroega commum, que dá em quasi todas as hortas e serve para salada tem fructo assim. Neste desenho vêem-se as sementes empilhadas dentro e a tampa quasi a cahir. De folhas e flores ha muitas formas; e de fructos não ha menos.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Tuberculos bolota beldroega subterraneo fava duvida desenterrar trepadeira empilhadas vagem intumescencias calice campainha goiaba ervilha mànga araçá trepadeira.

LINGUAGEM.

Riscar o papel conforme o modelo e escrever a analyse dos adjectivos do terceiro e quarto paragraphos.

ADJECTIVOS	QUALIFICATIVOS	DETERMINATIVOS	TERMINAÇÃO *Masculina*		*Feminina*	
			SING.	PL.	SING.	PL.
todo		determinativo	m. s.			
tenras	qualificativo					f. p.

LIÇÃO XXXVIII.

ABOU E O SEU CAVALLO.

1. Os mais ligeiros e os mais bellos cavallos do mundo são da Arabia. O arabe ama o seu cavallo tanto quanto ama a seus filhos. O facto é que o cavallo do arabe vive no meio das creanças. Ellas saltam por cima delle, penduram-se-lhe nas orelhas e na crina e fazem desse manso animal um companheiro de brinquedos.

2. Deixem-lhe o seu cavallo, e o arabe é feliz mesmo no meio da pobreza. Trata delle com muito cuidado e carinho, nunca emprega chicote nem espora. Na Arabia o cavallo é mais um amigo do que um servo do homem.

3. Vou contar-lhes uma historia a respeito de um arabe e de seu cavallo, a qual mostra quanta amizade tinham um a outro.

4. Abou era o nome deste arabe. Um dia que elle passeava no seu cavallo em um campo algumas leguas afastado da simples tenda, que era sua casa, foi cercado por inimigos e feito prisioneiro.

5. Os homens que aprisionarão Abou amarraram-no fortemente sobre o seu proprio cavallo, e levaram-no dahi a muitas leguas a um lugar onde acamparão para passar a noite. Ahi atirárão no chão e soltárão o cavallo com os delles para o outro lado do campo.

6. Abou sabia que ia ser vendido como escravo; e doïa-lhe o coração ao pensar que nunca mais veria a sua casa, nemsua querida esposa, nem seus filhos. Mas igualmente doloroso era o pensamento de que ia ficar separado de seu cavallo, seu companheiro constante por tantos annos.

7. Abou sabia que ninguem havia de ser tão bom para o pobre animal como elle tinha sido,—que nenhum extranho

se importaria de dar-lhe cada dia cevada cheirosa para comer e leite de camello para beber.

8. Pelo meio da noite, emquanto elle chorava com estes pensamentos, Abou ouviu o bem conhecido relincho do seu predilecto. Apesar de estar amarrado de pés e mãos, Abou procurou, rolando pelo chão, chegar ao lugar onde estava o seu cavallo.

9. O pobre animal reconheceu-o e estremeceu de gosto. Abou tambem tremeu, mas foi de dor, de fraqueza e afflicção. Elle tinha feito tenção de libertar, si pudesse, o seu querido companheiro.

10. Abou sabia que prisioneiro nada tinha a esperar; mas desejava que seu cavallo escapasse, e voltasse para a velha habitação, onde mãos amorosas terião cuidado de tratar delle.

11. Chegando-se á corda de crina de camello com que o cavallo estava amarrado, Abou roeu-a com os dentes até arrebental-a. Depois com voz fraca pediu ao seu querido cavallo que se fosse embora.

12. Mas o fiel animal não quiz sahir

dalli. Elle cheirou as cordas que prendião os membros de seu senhor, lambeu as faces de Abou, rinchou baixinho, e depois ficou quieto.

13. Pela primeira vez na sua vida elle não dava attenção ás ordens de Abou. Não se arredava dalli; não podia abandonar seu amigo.

14. Todo esse tempo o nobre animal devia ter estado a pensar de que modo poderia acudir a seu senhor; porque finalmente procurou o lugar da cinta de Abou, achou-a, tomou-a firmemente nos dentes, levantou Abou do chão e com esta pesada carga disparou sem fazer ruido pelo campo fóra.

15. Por leguas e leguas correu assim o amoroso animal, sem nunca parar para descançar; por leguas e leguas direito para sua casinha que ficára tão longe; por leguas e leguas com Abou seguro na bocca,—até que mesmo ao romper do dia, elle largou com muito cuidado seu senhor junto á porta de sua tenda.

16. A desolada esposa e os filhinhos como ficárão cheios de alegria! Não ca-

bião em si de contentes. Mas essa alegria converteu-se logo em dor.

17. O nobre cavallo bamboleou um pouco, e logo cahiu morto a seus pés, estava exhausto. Tinha salvo a seu senhor, mas para isso tinha empenhado a propria vida.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Pobreza Abou exhausto tenda acampárão prisioneiro espora camello predilecto doloroso escravo bamboleou.

LINGUAGEM.

Riscar o papel conforme este modelo e escrever a analyse das palavras.

PALAVRAS	ANALYSE	SIGNIFICAÇÃO
pobreza vileza certeza belleza fraqueza	pobre + eza	falta do necessario, ou qualidade de ser pobre.
aprisionar	a+prisão+n+ar	pôr em prisão.
acampar	a + campo + ar	
passear atirar soltar		
firmemente lentamente velozmente tristemente pobremente	firme + mente	com firmeza, ou de um modo firme.

Apontamentos para composição.

1. Assumpto da historia.

2. Aprisionamento de Abou: *quando e por quem foi preso — que fizerão com elle.*

3. Seus sentimentos: *a respeito dos que estavão em casa — a respeito do seu cavallo.*

4. Que aconteceu de noite: *o desejo de Abou — que fez.*

5. O cavallo fiel: *sua primeira desobediencia — que fez — a corrida para casa — sua morte.*

LIÇÃO XXXIX.

A MORTE E O LENHADOR.

Um pobre lenhador, de ramos carregado,
Curvado ao peso vem
Dos annos e do fardo,
Que tardo o faz tambem.

Suspira tristemente, e os pés atropellando
Buscando vai seu lar;
Succumbe de cançaço;
E, lasso, eil-o a parar.

Lembrando o fado seu que negro se desenha
A lenha atira ao chão;
Da sorte que o tortura,
Censura a sem rasão:

"Jamais tive sequer nem sombra de alegria
(Dizia elle a gemer);
Ninguem tão pobre e triste
Existe ou pode haver.

"Impostos, conscripção, familia, insana lida;
Que vida de afflicção!
Jamais, meu Deus, alcanço
Descanso, e é raro o pão!"

Eis chama pela Morte. Acode a parca ao grito, afflicto.

Morte. "Eu aqui estou."

Lenhador.

"Poẽ-me este feixe ao dorso;
O esforço me prostrou."

A tudo é remedio a morte;
Ficai, porêm, onde estais.—
"*Antes penar que morrer*"—
É a divisa dos mortaes.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Lenhador prostrou lasso atropellando succumbe cançaço tortura censura parca dorso conscripção insana fardo impostos tardo.

LINGUAGEM.

Riscar o papel segundo este modelo e analysar os verbos das duas primeiras estancias.

VERBO	MODO	TEMPO	NUMERO	PESSOA	CONJUGAÇÃO *Regular*	*Irregular*
vem	indicativo	presente	singular	terceira		terceira
suspira	indicativo	presente	singular	terceira	primeira	

[A mestra explica o que são modos, tempos, numeros e pessoas do verbo; o que é conjugação; quantas; quando o verbo é regular ou irregular; substantivo ou adjectivo; transitivo ou intransitivo.]

Escrever uma sentença com o verbo no presente do indicativo; mudal-a para o preterito e depois para o futuro do mesmo modo, em todas as pessoas tanto no singular como no plural.

MAXIMA PARA DECORAR.—Quem porfia mata a caça.

LIÇÃO XL.

O LEÃO E O RATO.

Favores quantos puderdes
Prestai, sem olhar a quem;
Que vezes o mais humilde
Valer ao forte não vem!

As provas desta verdade
É facil multiplicar:
Mas basta para meu filho
Esta fabula narrar.

Do sólo um ratinho, ás tontas
Surdiu, do leão ás patas;
Generoso, como sempre,
Se mostrou o rei das mattas.

Deu-lhe a vida; mas sem premio
Não ficão taes beneficios.
Quem diria que um ratinho
Ao leão prestasse officios?

Succedeu que em certa rede
Um dia o leão cahisse;
Não poude desvencilhar-se,
Por mais que em furia rugisse.

Mas mestre rato, accudindo,
Tanto c'os dentes roeu,
Que, uma das malhas soltando,
A rede toda rompeu.

Podem tempo e paciencia
Mais que furia e violencia.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Prestai provas multiplicar fabula ás tontas surdiu premio officios desvencilhar-se malhas rede paciencia.

LINGUAGEM.

Riscar o papel segundo este modelo e analysar os verbos da primeira quadra.

VERBO	MODO	TEMPO	NUMERO	PESSOA	CONJUGAÇÃO *Regular*	*Irregular*
puderdes	conjunctivo	futuro	plural	segunda		segunda

Dêem os alumnos em suas proprias palavras a substancia desta fabula.

Escrevão cinco perguntas ou cinco sentenças affirmativas, empregando, em cada uma delles, uma das seguintes palavras: *quantos, mais, sempre, tanto, toda.*

MAXIMA PARA DECORAR. — Devagar se vai ao longe.

LIÇÃO XLI.

A PANELLA DE FERRO E A PANELLA DE BARRO.

Panella de ferro propoz á de barro
Que juntas fizessem pequena excursão;
Mas esta escusou-se, julgando prudente
Ficar no seu posto, juntinho ao fogão.

"Um toque (diz ella) reduz a pedaços
Meu todo argiloso, tão fragil e inerme;
No emtanto, a senhora não teme os embates,
Pois é protejida de rija epiderme."

PANELLA DE FERRO.

"Prometto-te amparo; irei afastando
Os corpos que damno te possão causar;
Porei de permeio, passando por elles,
Meu bojo que o embate lhes ha de affrontar."

Tentada da offerta, panella de barro
Ao lado da socia começa a jornada;
Tres pés arrastando, coxêão, tropicão,
E—tem-te, não caias—lá vão pela estrada.

Encontrão-se, esbarrão a cada momento,
Soffrendo a de barro, que em risco se viu;
Mal andão cem passos, ao muito, a de ferro
A outra a mil cacos no chão reduziu;

E nem a de barro podia queixar-se.
Do forte a amizade não queiras jamais;
Aos grandes ligado terás esta sorte:
Procura os amigos no rol dos iguaes.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Ferro excursão toque argiloso inerme embates epiderme amparo permeio bojo affrontar jornada socia coxêão tropicão esbarrão cacos reduziu rol.

LINGUAGEM.

Os alumnos completão as sentenças seguintes, ajuntando-lhes uma destas palavras: BOA, MELHOR, OPTIMA.

João tem uma panella——.

Anna tem uma panella ——que a de João; mas a de Luiz é—— ou muito ——.

Ajuntar ás seguintes, as palavras: GRANDE, MAIOR, MAXIMO, para completal-as.

A terra é ——.

O sol é —— que a terra.

O equador é um circulo —— ou muito ——.

Ajuntar á seguinte, as palavras: MÁ, PEIOR, PESSIMA, para completal-a.

Antonio deu uma lição ——, a de Augusto foi —— que a de Antonio; mas a de Julio foi —— ou muito ——.

Analysar os verbos da primeira quadra, riscando o papel segundo este modelo.

VERBOS	MODO	TEMPO	NUMERO	PESSOA	CONJUGAÇÃO *Regular*	*Irregular*
propoz	indicativo	preterito-perfeito	singular	terceira	quarta	

LIÇÃO XLII.

AS PLANTAS.

A SEMENTE.

1. Uma sementinha é como uma creancinha, e a planta em que cresce é sua mãe. A planta tem todo o cuidado com a sementinha. Alimenta-a e dá uma casinha

para que possa crescer. Essa casa é o fructo.

2. A semente ainda tenra e sua casa o fructo, não podem alimentar-se por si. Isto é feito pela planta-mãe, que com as raizes tira alimento da terra e com as folhas tira alimento do ar.

3. Quando a semente encontra terra boa, e tempo favoravel, della nasce uma planta pequenina. Esta tem de tomar raiz na terra, mandar para cima, para o ar, haste e ramos, e vestir-se de bellas flores. Assim por sua vez torna-se a sementinha uma boa e bella planta.

4. Vai crescendo e avigorando e por fim está preparada para brotar flores. Então si todas as suas flores tem só estames, sem nenhum pistillo, não pode dar fructo. Mas si algumas das flores tem pistillos, produzirá fructos. As sementes tem de vir onde estavão os pistillos, e com as sementes virá o fructo.

5. E assim continua sempre. Uma planta cresce, dá flores, fructos e sementes. Dessa semente nascerá uma planta semelhante. Da semente da maçã nas-

cerá uma macieira. Do caroço da laranja nascerá uma laranjeira. A semente da rosa ha de dar uma roseira. Um grão de trigo ha de crescer até ficar um capim alto e viçoso. Esse capim é a nobre planta do trigo.

6. E isto se dá com todas as plantas. Cada planta tem semente de sua especie; e estas sementes hão de crescer até ficar plantas por sua vez.

7. As sementes, como as flores, tem muitas formas; mas como na flor e no fructo, ha alguma coisa de redondo em quasi toda a especie de semente.

8. Muitas sementes são redondas como a ervilha. Muitos capins e outras plantas tem sementes redondas pequenissimas e algumas não são maiores do que um grão de areia.

9. Ha tambem sementes ovaes, como os favos; e sementes finas e chatas como as que se encontrão nas melancias e nas aboboras. Algumas tem plumas de seda e, quando deixão, o fructo, vão muito longe voando pelo ar.

10. Não importa que a semente seja grande ou pequena, ou que tenha esta

ou aquella forma, dentro de seu agasalhado involucro está adormecida uma plantasinha. Por mais pequena que possa ser, ella lá está.

11. Quando cae em bom terreno, e tem bastante agua, luz e calor, a semente brota; e este broto é a plantasinha que estava dormindo dentro della, e que apparece crescendo e formando raiz, caule, ramo e folha.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Agasalhado favoravel avigorando melancia brota produzirá ovaes caule involucro.

LINGUAGEM.

Com que se compara uma plantasinha? Qual é a mãe da semente? De que serve o fructo para a semente? Que acontece á semente caida em bom terreno? Onde toma raiz? Que manda para o ar? De que tem de vestir-se? Onde brotão as sementes? Que é que vem com as sementes?

Riscar o papel conforme este modelo e analysar os verbos do primeiro paragrapho. Ex.

VERBO	MODO	TEMPO	NUMERO	PESSOA	CONJUGAÇÃO *Regular*	CONJUGAÇÃO *Irregular*
É	indicativo	presente	singular	terceira		segunda
cresce	"	"	"	"	segunda	

LIÇÃO XLIII.

O PASSARINHO PRESO.

Na gaiola empoleirado
Um mimoso passarinho
Trinava brandos queixumes
Com saudades do seu ninho.

"Nasci para ser escravo
(Carpia o cantor plumoso),
Não ha ninguem n'este mundo
Que seja tão desditoso

"Qu'é do tempo que eu passava,
Ora descantando amores,
Ora brincando nos ares,
Ora pousando entre flores?

"Mal haja a imprudencia minha,
Mal haja o visco traidor!
Um raio, um raio, te abraze,
Fraudulento caçador.

"Em que pequei? Por ventura
Fiz-te á seára algum mal?
Encetei, mordi teus fructos,
Como o damninho pardal?

"Agrestes, incultas plantas
Produzião meu sustento,
Inutil aos que se prezão
Do alto dom do entendimento.

"Ah! si a vossa liberdade
Zelosamente guardais,
Como usurpadores
Da liberdade dos mais?

"O que em vós é um thesoiro,
Nos outros perde o valor?
Destróe o jus do opprimido
Pela força do oppressor?

"Não tem por base a justiça,
Funda-se em nossa fraqueza,

A lei que a vós nos submette,
Tyrannos da natureza!

"Em offensa das deidades,
Em nosso damno abusais
Da primazia que tendes
Sobre os outros animaes.

"Mas, ah triste! ah malfadado!
Para que me queixo em vão?
Que espero, si contra a força
De nada serve a rasão?"

Aqui parou de cansado
O volatil carpidor:
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo,

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.

O preso vendo a tragedia,
Coitadinho! estremeceu;
E de susto e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas de sossôbro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos ceus fitados
Estas palavras soltou:

"Entendi que dos viventes
Eu era o mais infeliz:
Que outros têm peior destino
Aquelle exemplo me diz.

"Da minha sorte já agora
Queixas não torno a fazer;
Antes gaiola que um tiro,
Antes penar que morrer."

BOCAGE

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Empoleirado queixumes jus plumoso desditoso descantando visco incultas verdugo seára encetei agrestes carpia tragedia zelosamente usurpadores fraudulento piedade thesoiro opprimido sossôbro submette tyranno deidades base abrasais primazia malfadada volatil barbaro arcabuz.

LIÇÃO XLIV.

O RIO E O REGATO.

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
"Desgraçado, eu te lamento,
Em teu curso pobre e lento,
Pois fazendo voltas tantas
Por entre rasteiras plantas
Corres sem nome escondido,
Emtanto que eu conhecido

Nas cidades mais formosas,
Minhas ondas copiosas
Metto, levando a abundancia
A mais remota distancia.
Com regatos orgulhosos
De minha alliança, anciosos,
Se vem metter no meu seio
Sem fazer um só rodeio.
Demais, eu tenho coragem,
E nada em minha passagem
Encontro, que eu não arrede."
Disse: e ainda mais fallára,
Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades.
Mais sabio, o pobre regato,
Lhe responde e mui pacato:
"Que, amigo! da matriz
Ou lago donde sahis
Não tenho eu tambem sahido?
Logo depois de nascido
Um e outro n'esta selva
Debaixo da mesma relva
Nossas aguas não corrêrão?
Donde é, pois, que vos vierão
Tantos fumos de altivez?

Só o acaso é que nos fez,
Deixando o materno berço,
Correr por lugar diverso.
Vós em terreno inclinado
Caminhais mais apressado,
Absorvendo estes ribeiros
Que em vós se mettem ligeiros,
Vossas aguas engrossando.
Eu ao longo costeando
Estas formosas collinas,
Minhas aguas christallinas
Conduzo tranquillamente :
Mas por isto, francamente,
Julgais ser mais do que eu nobre ?
É verdade que mais pobre
Eu sou d'agua, porem ella
Não é clara, pura e bella ?
Vós causais o medo e o espanto
Por onde passais ; emtanto
Que eu com murmurio sereno
Regando mais de um terreno,
Fertilizo estas campinas
Sem causar essas ruinas,
Que por vós causadas vejo ;
Antes sempre bemfazejo ;

Até que a minha corrente
Se confunda, finalmente,
N'esse mar vasto e profundo,
Onde um dia, sem segundo,
Tocando os mesmos extremos,
Ambos juntar-nos devemos."

MARQUEZ DE PARANAGUÁ.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Soberbo rasteiras copiosas remota rodeia arreda fatuidades pacato matriz altivez fumos absorvendo costeando nobre fertilizo origem.

LIÇÃO XLV.

A LIÇÃO DE CÓR.

Meus meninos, hontem li e expliquei a todas uma bella fabula de La Fontaine, —O Lobo e o Cordeiro,—e hoje acabais de recital-a sem um só erro. Sabeis como se chama o poder ou a faculdade de lembrardes do que vos dissérão, do que lestes e do que aprendestes? Chama-se *a memoria.*

Si não tivesseis memoria como poderieis saber mais hoje o que hontem fizestes? Amanhã não vos lembrarieis mais do que

fazeis n'este momento. É pois de summa importancia exercitar a memoria, fortifical-a por um trabalho regular e quotidiano; e é por isso que aprendeis cada dia algumas linhas novas.

Mas só se deve confiar á memoria as coisas que merecem ser aprendidas de cór e serem lembradas; e é essa a razão porque escolho com todo o cuidado os assumptos de recitação que vos dou para aprender.

Explico-vos as palavras novas e que pouco familiares vos são; chamo a vossa attenção para o sentido das phrases, para o pensamento do autor; sou vosso guia no descobrimento das idéas principaes do trecho, do laço que as prende, umas ás outras; encadeando-as. Assim torna-se o trabalho de vossa memoria muito mais facil e mais proveitoso.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Recordarieis memoria fortificar encadêa concebido assumptos recitação proveitoso faculdade.

LINGUAGEM.

Achar os synonimos de *fabula, erro, memoria, laço, momento, trecho.*

LIÇÃO XLVI.

A CREANÇA.

É menos bella a aurora,
A neve é menos pura
Que uma creança loira
No berço adormecida!
Seus labios innocentes
Meu Deus, inda respirão
Os languidos aromas
Das flôres de outra vida.

O anjo de azas brancas,
Que lhe protege o somno,
Nem uma nôdoa enxerga
Naquella alma divina!
Nunca sacode as plumas
Para voltar ás nuvens,
Nem triste affasta ao vel-a,
A face peregrina!

No seio da creança
Não ha serpes occultas,
Nem perfido venemo,
Nem devorantes lumes.
Tudo é candura e festas!
Sua sublime essencia
Parece um vaso de oiro
Repleto de perfumes!

Mas ella cresce, os vicios
Os passos lhe acompanhão,
Seu anjo de azas brancas
Pranteia ou torna ao ceu.
O calice brilhante
Transborda de absintho,
E a vida corre envolta
N'um tenebroso veu!

Depois ella envelhece,
Fogem os roseos sonhos,
O astro da esperança
Do espaço azul se escôa.
Pende-lhe ao seio a fronte
Coberta de geadas,
E a mão rugosa e tremula
Levanta-se e abençôa!

Homens! O infante e o velho
São dois sagrados seres,
Um deixa o ceu apenas,
O outro ao ceu se volta.
Um cerra as azas debeis
E adora a divindade.
O outro a Deus adora
E as azas niveas solta!

Do cherubim que dorme
Na face alva e rosada
O traço existe ainda
Dos beijos dos anjinhos,
Assim como na fronte
Do velho brilha e fulge
A luz que do infinito
Aponta-lhe os caminhos!

Néstas infaustas eras
Quando a familia humana
Quebra sem dó, sem crenças,
O altar e o ataude,
Nos olhos da creança
Creiamos na innocencia,
E nos cabellos brancos
Saudemos a virtude!

FAGUNDES VARELLA.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Aurora aroma nódoa peregrina serpes perfidos altar lumes essencia pranteia absintho envelhece escôa geadas cherubim debeis infaustas infinito crenças neve ataude.

LIÇAO XLVII.

A SUPERIORIDADE DO HOMEM. I.

O homem é a obra-prima da natureza pela estructura de seu corpo, por sua intelligencia e ainda mais por sua consciencia.

Que bombas hydraulicas por mais engenhosas que sejão se podem comparar com o coração humano, que sessenta ve-

zes por minuto, aspira e repelle o sangue, e com as valvulas invisiveis que em nosso corpo facilitão a circulação do sangue?

Com que admiravel precisão e regularidade não funcciona nosso apparelho respiratorio? Não ha maquina que se lhe possa comparar em delicadeza e complexidade.

Poderia o mais habil photographo reproduzir quadros tão exactos, tão verdadeiros como aquelles que, a cada instante, se formão no fundo do nosso olho, onde os montes, as florestas, os campos, os pomares, as povoações reflectem-se n'um espelho, cuja dimensão não excede a de uma cabeça de alfinete?

É verdade que os animaes superiores têm o corpo organisado como o nosso; respirão como nós, seu sangue circula da mesma maneira que o nosso; elles têm mesmo certos sentidos mais desenvolvidos que o homem. O cão, o cavallo, o elephante tomão affeição a seu dono; amãono, são sensiveis aos bons tratos e d'elles se lembrão.

O *instincto* de algumas aves approxima-se

até um certo ponto da intelligencia. O zunido dos insectos, o canto das aves, a voz dos mammiferos constituem uma especie de linguagem.

Mas é immensa a distancia entre o mais aperfeiçoado dos animaes e a mais miseravel das creaturas humanas, porque o animal nada inventa. Ha milhares de annos, as andorinhas construião seus ninhos da mesma maneira que as andorinhas de hoje; o homem, pelo contrario, aproveita a experiencia dos antepassados; estuda, combina, inventa, aperfeiçôa.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Superioridade obra-prima natureza estructura hydraulica bomba valvula funcciona respiratorio apparelho complexidade photographo minusculo mammiferos.

LIÇÃO XLVIII.

A SUPERIORIDADE DO HOMEM. II.

É na Europa, a parte do mundo mais civilisada e adiantada, que vamos encontrar o mais estupendos prodigios nas sciencias e nas artes.

Em Strasbourg, uma cidade allemã a margem esquerda do Rheno, ha uma cathedral celebre por sua grandiosa architectura e por seu maravilhoso relogio astronomico.

O relogio está feito de modo que regula por mil annos. Indica os sessenta segundos do minuto, os sessenta minutos da hora, as vinte e quatro horas do dia, os vinte oito dias da lua, os vinte e oito, vinte e nove, trinta ou trinta e um dias do mez, os tresentos e sessenta e cinco ou tresentos e sessenta e seis dias do anno.

Marca as phases da lua, os eclipses de sol, a posição da terra em cada estação, e a dos astros.

No dia trinta e um de dezembro, ao toque da meia noite muda o millesimo, apparece nova data e fica immovel até o seguinte trinta e um de dezembro.

Das seis horas da manhã ás seis da tarde, um gracioso menino avança, quinze minutos depois de cada hora, levanta seu chicote e toca o quarto de hora; um moço armado com uma frecha toca as meias horas; um homem na força da idade, um

guerreiro, personificando as lutas da vida, é que vem tocar os tres quartos; um velho com sua moleta bate os quatro quartos da hora.

Estes quatro personagens allegoricos desfilão lentamente diante da Morte, um esqueleto descarnado, com uma foice ameaçadora. Depois de tocados os quatro quartos, um Genio revira sua ampulheta, que levou sessenta minutos a esvasiar, e a Morte toca a hora. Durante o silencio da noite, o menino, o adolescente, o homem e o velho descansão, a Morte continúa a sua obra.

Todos os dias depois de onze horas, affluem os visitantes para a vasta cathedral, e se agrupão diante do relogio. Ao toque de meio dia os doze apostolos passão inclinando-se diante do Christo que estende as mãos sobre elles e os abençôa. Um gallo empoleirado sobre uma columna, bate as azas, alonga o pescoço e por tres vezes faz ouvir sua voz vibrante.

Que maravilha! dizeis vós. Mas que maior maravilha não era a intelligencia do sabio constructor déste relogio! Era

a um tempo mecanico, geographo, astronomico, e mathematico. Calculou tudo, combinou tudo de ante-mão para que funccionasse regularmente esta obra-prima.

Este poder creador não é a unica differença que nos separa dos animaes. Em tudo o que faz o animal obedece servilmente a seus instinctos, a seus appetites, a suas paixões. O tigre dilacera sua victima sem remorso algum.

O homem, pelo contrario, sabe o que faz; tem *consciencia* de seus actos, é responsavel; uma voz interior lhe diz o que é bem, o que é mal.

Elle tem liberdade de escolher, de decidir-se por um ou por outro, de escutar a voz de sua consciencia ou de suffocal-a.

Quando toma o partido de fazer o bem, acha as forças necessarias para cumprir sua vontade.

Si o homem não fosse um ser livre, para elle não haveria bem nem mal, nem justiça, nem iniquidade, nem virtude, nem crime; seria um erro censural-o ou elogial-o.

G. Jost.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Estupendos cathedral architectura astronomico phases eclipses millesimo immovel personificando moleta Genio allegorico desfilar Rheno ampulheta esqueleto affluem apostolos vibrante constructor mecanico geographo mathematico remorso responsavel iniquidade consciencia.

LIÇÃO XLIX.

A AVÓ.

A avó, nos tremulos dedos
Mal sustenta o leve fuso,
Ouve ao longe o som confuso
D'uns innocentes brinquedos.

Achando aberto o jardim,
(Diz a velha) é sempre assim.
São como as aves inquietas.
Nem eu sei quem vôa mais,

Si os incansaveis pardaes,
Si as minhas queridas netas.
E a avó nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,

Ouve a rir o som confuso,
Dos taes longiquos brinquedos.
Eis principia a assomar
Da cadeira no espaldar

A face risonha e linda
D'uma das netas; e a avó,
Pensando que está bem só,
Falla das netas ainda.

Falla, e nos tremulos dedos
Fazendo girar o fuso,
Ouve a rir o som confuso,
Dos taes longiquos brinquedos.

N'isto um rosario, que está
Pendurado ha muito já
N'um dos braços da cadeira,
Escorrega e cai no chão,

Por lhe haver tocado a mão
D'aquella infantil brejeira.

E a avó, dos tremulos dedos
Deixando cahir o fuso,

Já não ouve o som confuso
Dos taes longiquos brinquedos;
Mas assustada ao sentir
O seu rosario cahir,

Volta a nevada cabeça
E inda distingue o rumor
Que faz, pelo corredor,
A neta, fugindo á pressa.

E, do cesto das meadas
A avó levantando o fuso,
Ouve a rir o som confuso
De longiquas gargalhadas.

G. Braga.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Rumor incansaveis longiquas assomar confusos espaldar rosario nevada fuso gargalhadas.

LIÇÃO L.

A CIDADE DA LUZ.

Vós que buscais a senda da esperança,
Entrai: aqui ha mundos luminosos
N'um ceu, que a mão, por mais pequena,
alcança.

A alma aqui se refaz de ethereos gozos;
Vinde para o paiz da primavera,
Vós, que deixais os mundos tenebrosos.

Tanta luz aqui dentro vos espera,
Que sahireis estrellas redivivas,
Como as que brilhão na azulada esphera.

Almas, das trevas lugubres captivas,
Abri as vossas azas rutilantes,
Entrai, bando de pombas fugitivas.

Nas curvas d'estes porticos gigantes
Haveis de ler uma inscripção, que alente
Os vossos vôos inda vacilantes

É aqui o paiz do amor ardente.
Quem entra, leva um peso aos pés atado,
Como o mergulhador do mar do Oriente,

Que sobe á tona leve e festejado
E vem de tantas perolas coberto
Que nem se lembra do labor passado.

Para encravar um eden n'um deserto,
Fazer um sol de um monte de granito,
E para ver melhor o ceu de perto,

Encostar uma escada no infinito,
Entrar pela estellifera voragem,
Ser rasão o fanal, verdade o mytho,

E armado de tenaz, feroz coragem,
Arrasando os enigmas da vida,
Cavar nas trevas lucida passagem,

A isto esta cidade vos convida,
Entrai: por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro á fronte na sahida.

Da cidade moderna é luz o mote,
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrai! a escola é cathedral, igreja;
Hostia a sciencia; o mestre-sacerdote.

LUIZ DELFINO.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Senda luminosos voragem tenebrosos ethereos redivivas gozos rutilantes tona lugubres porticos

alente inscripção encravar flammeja estellifera granito fanal lucida mytho hostia refaz mote eden.

LINGUAGEM.

Escrever em prosa os quatro primeiros tercetos.

Que palavra rima com *esperança?*

Que palavras rimão com *luminosos?*

Com *primavera?* Com *redivivas?* Com *rutilantes?*

LIÇÃO LI.

AS CHINELAS DE AYAZ. I.

CONTO ORIENTAL.

Um poderoso imperador da Asia, de nome Hassan, tinha um filho a quem amava extremosamente e que se chamava Mirza.

Os menores desejos da creança erão ordens; em nada era contrariado. Tal era a vontade do imperador, seu pae; e assim Mirza tornára-se exigente, impaciente, irascivel, e por conseguinte injusto e mau

para com aquelles que o cercavão. Nada d'isto via o imperador, tanto o cegava a ternura que sentia por seu filho.

Ora, como Mirza podia satisfazer seus menores caprichos, dentro em pouco ficou cansado de todos os prazeres, de todos os divertimentos da sua idade, e veiu-lhe o aborrecimento. Apenas desejava um objecto e logo o possuia; e tambem quasi tão depressa não o queria mais, precisamente porque não encontrára difficuldade alguma em obtel-o.

O imperador Hassan não pensava, ou antes ignorava que o trabalho é a verdadeira fonte de nossa felicidade; e por isso em seu amor paterno lamentava-se por ver que o filho se aborrecia, e cheio de tristeza exclamava: "Oh! Deus do ceu, como é que meu filho está definhando de aborrecimento, quando tem tudo quanto deseja?"

Era esse exactamente o mal, e elle não o via. Consultou a todos os seus vizires, a todos os grandes personagens da côrte. Cada um dava sua opinião e imaginava para Mirza uma nova distracção.

Mas o tedio recuperava quasi immediatamente os seus direitos, e á medida que ião-se exgotando todos os divertimentos, a creança ia-se tornando cada vez menos accessivel ás invenções novas destinadas a expulsar de seu espirito o profundo cansaço que d'elle se tinha apoderado. E em consequencia d'isto sua saude se enfraquecêra, as vivas côres de suas faces apagárão-se, e desapparecêra o brilho de seus olhos.

"Oh!" exclamava o pae, "a metade de meu imperio a quem restituir a alegria a meu filho! A metade de meu imperio por um bom conselho!"

Um bom conselho não é coisa commum no palacio dos imperadores. Um bom conselho Hassan tel-o-ia talvez achado na officina d'aquelle laborioso artesão que, a dois passos do palacio, forjava estribos, freios e esporas; ou então na tenda do sapateiro, seu visinho, que fazia chinelas de marroquim vermelho e amarello; mas por ventura descem os imperadores ás officinas dos ferreiros e ás tendas dos sapateiros?

Assim não teve Hassan nenhum bom conselho, e Mirza ia definhando, definhando sempre.

Trouxérão-lhe vinte pequenos companheiros para brincar com elle e distrahil-o. Bem entendido que erão estes companheiros escolhidos entre os filhos dos vizires dos pachás, dos sultões, entre as creanças das mais nobres e das mais ricas familias do imperio. Mas Mirza ficou logo cansado dos camarados, e foi successivamente maltratando a todos, e não quiz mais vel-os, e ficou sosinho, isolado, entregue a seu aborrecimento, não amando a ninguem e repellindo até a seu proprio pae.

Entretanto havia n'esse paiz um velho derviche, afamado por sua sabedoria; o infeliz Hassan quiz consultal-o e mandou-o chamar. Expoz-lhe o estado de seu filho e ajuntou: "Que hei de fazer?"

O velho derviche reflectiu e disse: "O coração do homem não pode ficar sem affeição; teu filho precisa encontrar um amigo; procura-o."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Imperador exigente irascivel freios recuperava aborrecimento definhando derviche vizires tenda accessivel sultões officina artesão esporas estribos engolfado marroquim pachás.

LINGUAGEM.

Assumpto para composição.

Os menores desejos da creança erão ordens.

O tedio se apodera d'aquelles que não trabalhão.

A ociosidade estraga a alma e o corpo.

A sociedade melhora o homem.

As creanças precisão viver com seus iguaes para serem felizes.

LIÇÃO LII.

AS CHINELAS DE AYAZ. II.

O imperador voltou-se então para seus vizires e disse: "Cumpre absolutamente que achemos um amigo para meu filho, um amigo digno d'elle; uma creança tal aqui não ha, pois que Mirza repelliu todos os companheiros que lhe dei; mandai embaixadores a todos os estados visinhos, e estes embaixadores irão á procura de uma creança bem perfeita para ser amigo de meu filho. Deve ser um menino nobre

de nascimento, bonito de cara, com cabellos loiros como o oiro, olhos negros como o ebano e dentes brancos como o marfim. O corpo deve ser de uma perfeição admiravel, sem o menor defeito, e ainda mais é preciso que sua voz seja tão harmoniosa como a do rouxinol."

Logo que elle acabou de fallar partirão os embaixadores para o norte, para o sul, para o oriente e para o occidente, a procura do menino digno de ser amigo de Mirza. Deixemos que esses pobres embaixadores corrão mundo e se esfalfem em suas pesquizas. Cada um d'elles encontrava muitos meninos bonitos, mas era ora uma, ora outra das condições fixadas por Hassan, que não satisfazia. Este tinha cabellos pretos, aquelle olhos azues; a um faltava um dente, outro tinha a voz um tanto aspera; outro teria sido perfeito, mas era filho de um pobre camponez. Ah! desgraçados embaixadores de Hassan, vão andando e procurando.

No entanto Hassan continuava a affligir-se, e Mirza a aborrecer-se.

Tambem durante todo esse tempo o po-

bre sapateiro, de que ha pouco lhes fallei, e que tinha a tenda no largo do paço, continuava a fazer calçado de marroquim vermelho e amarello, e a gritar de quando em quando, para chamar a attenção dos que passávão: "Chinelas! chinelas! bonitas chinelas! Boas chinelas vermelhas como o coral! Amarellas como limões! Venhão comprar!"

O facto é que elle trabalhava muito bem, o pobre sapateiro; e a obra que elle expunha, fazia-lhe honra. Elle tinha chinelas de todos os tamanhos, para todos os pés, desde o da creança até o do homem feito, e ainda mais tinha-as finas e elegantes para os pés das mulheres. Ellas erão guarnecidas de franja de seda, de aljofares de todas as cores, que misturados com palhetas doiradas, produzião um effeito deslumbrante. E independentemente dos olhos que erão attrahidos pelo bom aspecto da mercadoria, os ouvidos ficavão encantados pelo tom e pelo accento verdadeiramente insinuante do sapateiro, quando dizia: "Bellas chinelas! Fação o favor de compral-as."

Assim o pequeno negocio d'este pobre homem ia regularmente; vivia sem luxo, mas a abrigo da necessidade, e contente com sua sorte, rendia graças ao ceu todas as manhãs e todas as noites.

E portanto elle tinha uma causa apparente de afflicção sim, e de uma afflicção profunda para o coração de um pae. Elle tinha um filho, que era da mesma idade do filho do imperador Hassan, mas fazia dó ver o filho do sapateiro, tão aleijado era. Imaginem uma cabeça enorme, os hombros e o peito arqueados, os braços desmesuradamente longos e as pernas tortas. Oh! na verdade, era de voltar o rosto de dôr, ao ver-se aquelle infeliz menino. Pois bem posso entretanto assegurar-lhes que o pobre sapateiro amava a seu filho corcunda tanto quanto o imperador Hassan amava a seu bello filho Mirza.

Que um fosse bello e outro aleijado e corcunda não era a questão; o sapateiro e o imperador não são, tanto um como outro, senhores da belleza de seus filhos; mas o que o pae pode fazer é, sinão amoldar o corpo do filho, ao menos amoldar-

lhe o espirito e o coração e predispol-os ás coisas que fazem a verdadeira felicidade.

Já vimos o que a este respeito fizera Hassan, e certifico-lhes que o sapateiro fôra muito mais habil que o imperador.

O sapateiro dissera comsigo: "Meu pobre filho é inteiramente defeituoso por natureza; é horroroso de ver-se; eu quero que elle resgate pelas qualidades da alma a fealdade do corpo; quero que tenha o espirito sensato e justo, o coração bom, virtuoso e compassivo, e assim ha de saber fazer-se amar."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Embaixadores expunha ebano esfalfem pesquizas compassivo insinuante aleijado aljofares palhetas corcunda paço deslumbrante nobre defeituoso.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

Um amigo verdadeiro.—Não pode vir de encommenda.—A belleza physica não é a mais importante n'um amigo.—Ser *bom* é melhor que ser *bello*. *Trabalhar* é indispensavel para ser *feliz*.—O sapateiro era um bom pae.

LIÇÃO LIII.

AS CHINELAS DE AYAZ. III.

Pensava bem o sapateiro Amoud — creio que ainda não lhes disse o seu nome — sim, pensava bem, e teve a habilidade tão bem executar o que pensava. De tal sorte que sua ternura zelosa e experiente fez do medonho corcundinha uma verdadeira joia de creança, um thesouro de intelligencia, de amabilidade, de bondade.

E Amoud orgulhoso do filho não invejava de modo algum aos visinhos que tinhão filhos bellos, de feições encantadoras, de porte esbelto e elegante. Ah! o imperador Hassan teria bem caro comprado só a metade da felicidade paterna do sapateiro Amoud. Mas essas coisas não se comprão, é necessario saber conquistal-as. É preciso que lhes diga que o filho de Amoud chamava-se Ayaz.

Ora, eis o que aconteceu emquanto os embaixadores do imperador Hassan ião em longes terras, á direita e á esquerda, procurando o menino prodigioso que de-

via ser amigo de Mirza, e de seu coração expellir o aborrecimento.

Voltando um dia de um passeio o filho do imperador, Mirza, atravessava o largo do paço. Montava um cavallo ricamente ajaezado. Nada igualava a riqueza da roupa que trajava o imperial menino; não se vião senão doirados e pedrarias; mas sob essa brilhante exterioridade via-se a creança doente; as faces estávão abatidas, a côr macilenta e dos olhos tristes cahião olhares semi-extinctos. O cavallo andava a passo lento.

Eis que de repente um burrico fugído veiu descaradamente galopando metter-se debaixo do focinho do bello cavallo em que ia Mirza, e depois poz-se a cabriolar e a fazer milhares de loucuras, saltando ora sobre as patas trazeiras, ora sobre as dianteiras.

É justo dizer que era um burrico muito novo e que na sua idade era desculpavel tanta leviandade. Mas Mirza não estava de bom humor, como sabemos, e por conseguinte pouco disposto a desculpar quem quer que fosse. É tambem verdade que o

cavallo surprehendido e espantado a principio pelas travessuras do burrico, deu um salto tão repentino que quasi fez cahir seu jovem cavalleiro; o que não contribuiu pouco para augmentar a colera de Mirza; sim, sua colera, porque elle ficou verdadeiramente encolerizado; os olhos se lhe animárão, e arrancando bruscamente da bainha um sabre recurvado que trazia á cinta, deu no burrico um golpe terrivel. Ai d'elle si não tivesse evitado o golpe; mas o burrico era tão sagaz como travesso; viu o perigo de soslaio; abaixou vivamente a cabeça, e depois tornando a levantal-a, partiu como uma setta.

Mirza, cada vez mais furioso ordenou então aos que o cercávão que lhe trouxessem o dono do burrico. D'ahi a um instante chegava elle entre dois guardas. Era um rapaz muito novo ainda.

Tremia como varas verdes e apenas tinha forças para explicar como o animal lhe fugira, e como era de todo innocente da irreverencia do burrico.

O que elle dizia teria tocado o coração de um menino arrasoado; mas Mirza, tal

como o conhecemos, e ainda mais encolerisado, não deu-lhe attenção alguma e logo ordenou sim, é verdade, custa-me dizel-o, ordenou que cortassem a cabeça do rapaz.

É espantoso! mas infelizmente é verdade que houve por muito tempo e ainda hoje ha na terra paizes onde o capricho de um homem, de uma creança, pode com rasão ou sem ella, sacrificar a vida do primeiro que apparece.

Nesses paizes os homens não são senão maquinas entregues á completa discripção daquelle que se chama imperador, rei, pachá, sultão. Mas paremos aqui e na lição seguinte veremos o que aconteceu ao desgraçado burriqueiro.

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Experiente porte esbelto ajaezado exterioridade macilenta semi-extinctos descaradamente cabriolar trazeiras sabre dianteiras leviandade contribuiu soslaio irreverencia.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

Effeitos de uma bôa educação.

A occasião não faz o ladrão, mostra quem elle é

Quem ventos semeia, tempestades colhe.

Os ricos vestidos cobrem ás vezes profundas dores.

A juventude é imprudente e impetuosa; mas tambem generosa e valorosa.

LIÇÃO LIV.

AS CHINELAS DE AYAZ. IV.

Os guardas segundo as ordens de Mirza, amarrárão o pobre burriqueiro de mãos para traz, e um d'elles já alçava a cimitarra para fazer saltar a cabeça do pobre coitado, quando repentinamente um novo personagem precipitou-se no meio d'esta scena terrivel. Era Ayaz o corcundinha; elle conhecia o moço burriqueiro, e testemunha do acontecimento que acabava de dar-se, não poude supportar a idéa da morte d'esse innocente. Apesar do perigo que podia haver para elle em intervir n'essa questão, só escutou as inspirações de seu coração e lançou-se aos joelhos de Mirza. E elle gritou entre soluços: Principe Mirza, filho do imperador Hassan, em nome de teu pae, poupa a vida d'este desgraçado; elle não teve intenção de te offender.

Em summa Ayaz achou em sua alma generosa accentos tão tocantes, palavras tão commovedoras, que todos ficárão attonitos ao ouvil-o, e sentião que lhes vinhão as lagrimas aos olhos. E Mirza muito espantado com esta scena inesperada, sentiu primeiro acalmar-se-lhe um pouco a colera, e depois o aleijão do pobre Ayaz, que attrahiu suas vistas emquanto suas palavras chegávão-lhe aos ouvidos, a estranhez d'este contraste entre tanta monstruosidade e um fallar tão doce, tudo isto operando em seu espirito sem que elle o pensasse, sentiu que a colera se lhe ia acalmando pouco a pouco, e elle, a quem tudo aborrecia, interessou-se pelo que se passava a sua vista. Assim durante alguns minutos em que Ayaz se calou, Mirza a principio não poude dizer palavra, olhando attentamente para o filho do sapateiro.

"Oh! si eu tivesse thesouros," ajuntou Ayaz, "si eu tivesse thesouros, eu t'os daria, filho de Hassan, para resgatar a vida d'este desgraçado; mas não sou mais que um pobre menino aleijado, filho do sapateiro Amoud."

"Bem," interrompeu então Mirza, "bem, filho do sapateiro Amoud, eu te concedo a vida d'este rapaz; mas quero que em troca me dês alguma coisa."

O corcundinha radiante de contentamento beijou em signal de reconhecimento a orla da palliça de seda de Mirza, e depois sem dizer coisa alguma, correu á loja de seu pae. Este estava á porta de mãos postas, tremendo que a aventura se tornasse funesta a seu querido filho. Ayaz entrou rapidamente sem fallar a seu pae, e d'ahi a um instante sahia com uma coisa nas mãos. Não parou senão aos pés de Mirza e disse-lhe: "Ó filho de Hassan, dou-te o que possuo de mais precioso."

Ao mesmo tempo apresentava a Mirza o mais lindo par de chinelas que se pode imaginar. Erão bordadas com as sedas mais brilhantes formando lindissimas flores, sobre um marroquim dos mais finos, tincto de azul. Havia ainda um lavor de palhetas de oiro com pingentes de aljofares vermelhos. Era impossivel metterem-se os pés em mais encantadoras chinelas.

"Meu pae fel-as de proposito para mim, ó principe," disse Ayaz, "meu pae trabalhou-as com amor para seu pequeno Ayaz, e Ayaz nada tem de mais precioso que estas chinelas, em que cada fio de seda, cada aljofar lhe falla da ternura de seu pae. Cem milhões de bolsas de oiro, ó principe Mirza, não valem, a meus olhos, estas chinelas. Pois bem, eu t'as dou pela vida d'este rapaz."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Cimitarra poupa personagem scena inspirações tocantes commovedoras attonito monstruosidade palliça estranhez radiante pingentes alçava.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

Crueldade de Mirza.

Heroismo de Ayaz.

A generosidade do filho do sapateiro impressiona ao filho do imperador.

Milagre da eloquencia de Ayaz.

Afflicção de Amoud pelo risco que corria o filho do seu coração.

Descripção das chinelas de Ayaz.

LIÇÃO LV.

AS CHINELAS DE AYAZ. V.

Esta acção, esta linguagem era estranha, desconhecida para Mirza. Elle ficou pasmo. Todos os sentimentos de ternura filial e de humanidade que respiravão as palavras de Ayaz, tinhão para o coração de Mirza um encanto no qual nunca o tinhão iniciado, e parecia-lhe que a voz do filho do sapateiro despertava-lhe no fundo do coração um echo adormecido.

Não achou uma palavra que dizer no meio do pasmo que isto lhe causava; mas tomou as chinelas, que lhe parecião o que erão, realmente encantadoras. Depois de tel-as examinado um momento, olhou para os pés, e depois tornou a olhar para as chinelas de Ayaz, e em fim decidiu-se a tirar fóra o seu calçado para metter nos pés aquelle de que acabavão de lhe fazer presente; e, coisa singular! apenas calçou as chinelas de Ayaz, pareceu-lhe que uma subita mudança operava-se n'elle; pareceu-lhe que o aborrecimento que inda ha

pouco o devorava, sahia repentinamente de seu coração, pareceu-lhe que a vida abria-se diante d'elle, toda nova, toda risonha. E com effeito suas faces d'ahi a pouco ficárão coradas e um olhar meigo e benevolo ateou-se no fundo de suas pupillas.

Elle fez signal aos guardas que deixassem o moço burriqueiro, depois estendeu a mão a Ayaz e levantando-o apertou-o em seus braços e beijou-o. Os vizires, os officiaes, os guardas, todos os que assistião a esta scena, ficárão tomados da mais profunda surpreza; tanto mais que Mirza, segurando na mão de Ayaz, encaminhou-se para o palacio e n'elle entrou com o filho do sapateiro. Foi assim direito ao imperador seu pae e disse-lhe: "Meu pae, achei o amigo que me faltava, não me aborreço mais."

Mirza dizia a verdade. Desde esse momento Ayaz e elle forão amigos inseparaveis; encontravão-nos sempre juntos, ora no palacio do imperador, ora na tenda do sapateiro Amoud. O exemplo e os conselhos de Ayaz fizerão de Mirza um

menino encantador, tão bom quanto era bello. O filho do sapateiro levava o filho do imperador por toda a parte onde havia algum bem a fazer-se, e as bençãos de toda a cidade acompanhavão todos os passos dos dois meninos.

"Meu Deus," exclamava Mirza, a cada instante, "eu me aborrecia! e havia tanto bem para fazer-se! tantas alegrias para colher!"

Quanto a Hassan, julgou-se o mais feliz dos imperadores, com a mudança de seu filho. Quiz que tudo o que tinha tomado a menor parte n'este feliz acontecimento, fosse magnificamente recompensado; assim o moço burriqueiro, que escapou de ter a cabeça cortada, foi cumulado de favores, e o burrico, causa primaria de tudo o que acontecêra, não foi esquecido. Mirza mandou-lhe construir uma magnifica estrebaria no proprio palacio, e deu ordem para que deixassem o burrico fazer todas as suas vontades, somente era acompanhado na cidade por uma guarda, para que não lhe acontecesse algum accidente. Elle percorria as ruas e os mercados, entrava

nas lojas e comia tudo o que lhe convinha, fructas, legumes, doces, bolos. Oh! os negociantes o conhecião e ficavão muito contentes com sua visita, porque tudo o que elle comia lhes era pago a peso de oiro.

Durante esse tempo os embaixadores, como sabem, viajavão sempre longe. Pobres embaixadores! nem um achava o menino que procurava. Grandes erão seus trabalhos e seus cuidados! E certamente terião morrido por lá, si não lhes tivessem mandado ordem de voltar. Voltárão pois pois muito envergonhados.

"O bello menino que procuravamos para dar como amigo a meu filho," disse o imperador, "estava aqui muito perto do palacio, n'uma tenda de sapateiro; eil-o."

N'este momentó entrava Ayaz. Julgai do espanto dos embaixadores ao reconhecer que o bello menino era um horroroso corcunda.

"Esquecêra-me de dizer-vos," ajuntou o imperador, "que as qualidades do coraçao valem, por si sós, todas as bellezas do rosto, e que de preferencia a todas as outras deve-se procural-as n'um amigo."

"É verdade," replicou depois Hassan rindo-se, "que eu mesmo ignorava um pouco isto, mas aprendi-o; aprendei-o por vossa vez."

Em conclusão, meus meninos, dir-lhes-ei que desde então as chinelas de Ayaz são proverbiaes n'aquelle paiz. Quando um homem é virtuoso, bom e justo, dizem que elle calçou as chinelas de Ayaz.

PALAVRAS NOVAS.

Pasmo iniciado echo subita pupillas primaria estrebaria accidente conclusão proverbiaes.

LINGUAGEM.

Assumptos de composição.

A transformação causada em Mirza pelas palavras de Ayaz.

A magia das chinelas de Ayaz.

Quem tem um bom amigo não se aborrece.

O bem é mais proveitoso a quem o faz do que a quem o recebe.

Os dotes do espirito são superiores aos do corpo.

LIÇAO LVI.

HISTORIA DE JOSÉ.

O Snr. Ferreira Lobo ficára viuvo com uma linda filha de sete annos, que o amava estremosamente. Tambem o bom pae dedicava-se todo a sua cara Maria, e elle mesmo era seu mestre durante as ferias, que ião passar em uma fazenda longe da cidade.

Querem ouvir algumas bellas lições que elle dava a sua filhinha? Eil-as.

"Emquanto estamos no campo,
Respirando em liberdade,
Longe d'aquelle motino,
Que se ouve na cidade,

"Quero aproveitar o tempo
Sobre a tua educação,
Objecto que me merece
Particular attenção.

"Eu não tenho outros thesouros,
Filha, que possa deixar-te,
Mais do que os bens da virtude
Com que pretendo educar-te.

"Quando te fores instruindo
Nos deveres sociaes,
Serão as nossas licções
Sobre as virtudes moraes.

"Por ora da Sacra Historia
Sigamos a narração,
Até chegarmos ao ponto
Da christã religião.

"Antes que passe a dizer-te
Summariamente explicada,
Qual das tribus de Israel
Foi de Deus a mais prezada:

"Deves saber que José,
Um dos filhos de Jacob,
Se fez famoso no Egypto,
Reinando então Faraó.

"Foi por seus irmãos vendido,
Por odio familiar,
A uns egypcios mercadores,
E depois a Putifar.

"Soffreu mil perseguições
José no seu captiveiro,
Até que em uma masmorra
Foi mettido prisioneiro.

"Teve um sonho Faraó,
Que ninguem interpretava,
E uma clara intelligencia
D'elle saber desejava.

"Forão lhe affirmar então,
Com juramento seguro,
Que aquelle preso israelita
Vaticinava o futuro.

"Mandou que á sua presença
Fosse José conduzido,
Para consultar com elle
O sonho que tinha tido.

"Assim que as suas respostas
Ouviu, logo satisfeito
Ordenou que lhe tivessem
Como a elle igual respeito.

"As distincções que lhe fez,
Quiz que no Egypto constassem,
Fel-o subir ao seu carro,
E que todos lhe ajoelhassem.

"Houve por aquelles tempos
A grande consternação
Da fome entre os israelitas
Que os poz em perturbação.

"Viu-se obrigado Jacob
Na urgencia de tal perigo
A mandar para o Egypto
Seus filhos a comprar trigo.

"Assim que o soube José,
Porém sem se declarar,

Mandou-lhes dar todo o trigo
Que elles pudessem levar.

"Deu-se a conhecer depois
Aos irmãos com muito agrado
Que ficárão confundidos
De o ver assim elevado.

"Retirárão-se do Egypto
E a seu pae forão dizer,
Como encontrárão José,
Que o desejava inda ver.

"Contentissimo Jacob
Da patria terra sahiu,
E com seus filhos e netos
Para o Egypto partiu.

"Foi ao grande Faraó
Por José apresentado,
Que o recebeu com a pompa
De todo o seu regio estado.

"Deu-lhe a terra de Gessen,
Terra fertil e abundante,
Para n'ella viver sempre
Com domicilio constante

"Alli se estabelecêrão
Com virtuosa união
Todas aquellas familias
Da descendencia de Abrahão.

"Vivião como pastores
Apascentando o seu gado
Nas mais alegres campinas
D'um terreno dilatado.

"D'esta sorte os israelitas
No Egypto multiplicando
Em poucos annos se forão
Notavelmente engrossando.

"Sentiu Jacob entretanto,
Que os seus dias se findavão,
E que os males da velhice
A morte lhe annunciavão.

"Chamou todos os seus filhos,
Porque os quiz abençoar
Antes que sua alma fosse
Ao seu Creador voar.

"Mesmo em presença dos filhos,
Em ultima prophecia,

Disse na idade futura
Quanto acontecer havia.

"Logo que os olhos fechou,
Foi seu corpo embalsamado,
E ao sepulchro conduzido,
Que elle tinha nomeado."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Regio sociaes descendencia domicilio virtudes sacra summariamente narração prophecia tribus Putifar Faraó masmorra Israel Jacob interpretava vaticinava odio consternação moraes viuvo ferias embalsamado Abrahão.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

José vendido como escravo.
Soffrimentos do captiveiro.
Um prisioneiro innocente.
José governa o Egypto.
A fome assola a terra do Egypto.
Os irmãos de José vem ao Egypto.
José manda buscar seu pae e toda a sua familia.
Presentes do Faraó do Egypto ao pae e aos irmãos de José.

LIÇÃO LVII.

HISTORIA DE DAVID.

"Fui hoje achar, cara filha,
Um sitio maravilhoso,

Bem retirado e a sombra
De um arvoredo frondoso.

"Por entre dois castanheiros
Corre uma fonte engraçada,
Que rebenta de uma rocha,
D'onde cae precipitada.

"Vamos lá, porque alli mesmo
N'aquella recreação,
Sem que ninguem nos perturbe
Te darei hoje a lição.

"Olha, como estes dois troncos
Se enleião com tanta graça!
E como a fonte serena
Por entre elles ambos passa!

"Subindo Saul ao throno
Que por Deus lhe fôra dado,
Armárão-se os Philisteus
Com um reforço dobrado.

"Havia um tal Philisteu
De estatura formidavel,
Gigante feroz e altivo,
De uma força incomparavel.

"Era o soberbo Goliath
Que inda estando mudo e quedo,
Ao homem mais valoroso
Fazia tremer de medo.

"Este havendo escarnecido
Aos Hebreus, que o receiavão,
Até zombando dos chefes
Que o exercito mandavão,

"Propoz que, para evitar
Mortandades mais horrendas,
Era bem que um desafio
Terminasse estas contendas.

"E assim: que sahisse ao campo
Dos Hebreus o mais valente,
Para combater com elle
Pelejando frente a frente.

"Ao mesmo tempo David,
Por seu pae sendo mandado,
Um socorro a seus irmãos
Ao campo tinha levado.

"Apenas viu a Goliath
Inflammado em santo zelo,

Com animo socegado
Propoz-se a ir combatel-o.

"Perguntou si alguem havia
Com resolução bastante,
E que premio se daria
A quem matasse o gigante.

"Disserão-lhe que Saul,
Em circumstancias iguaes,
Dava a mais velha das filhas,
E muitas riquezas mais.

"Os tres irmãos de David
Entrárão d'elle a zombar,
Dizendo-lhe que na serra
Fosse as ovelhas guardar.

"Mas elle não desistiu,
E exclamou publicamente,
Que elle só contro Goliath
Queria ser combatente.

"Que sabia muito bem,
Que em varias occasiões
Pelejára este gigante
Com ursos e com leões;

"Mas que não lhe tinha medo,
E que não tivessem dó,
Porque ousado se atrevia
A ir matal-o elle só.

"Foi isto dito a Saul
Que a taes instancias cedeu,
E a David (muito admirado)
Suas proprias armas deu.

"Vendo David ao depois
Que estas armas lhe pesavão,
E por não ter uso d'ellas
Muito mais o embaraçavão,

"Largo-as logo no chão,
E partiu accelerado
Com as armas de que usava,
Que erão a funda e o cajado.

"Assim que ao perto se viu
Do gigante monstruoso,
Defronte d'elle parando,
Este lhe disse raivoso:

"'Por ventura imaginavas,
Que vinhas contra algun cão,

Sendo tu d'esse tamanho,
E com esse pau na mão?

"'Exposto ás aves e ás feras
Teu cadaver ficará,
E esse audaz abrevimento
Meu furor castigará.'

"Disse, e arremessando a lança,
Contra David a brandia;
Mas este um pouco affastado
A sua funda estendia.

"Disparou d'ella uma pedra
Que na testa lhe cravou,
Com tanta felicidade
Que logo em terra o prostrou.

"Lançando-se então sobre elle
Quasi morto co' a pedrada,
Cortou-lhe logo a cabeça
Com a sua propria espada.

"Quando no exercito virão
Entrar David triumphante,
Trazendo airoso na mão
A cabeça do gigante.

"Com geral contentamento
Este triumpho applaudião;
Pois do mais forte inimigo
Já livres então se vião.

"Subiu inda a mais a gloria
De David, quando passava,
Porque a gente de Israel
Com mil vivas o louvava.

"As mulheres da Judéa
Que ao encontro lhe sahirão,
Tocando os seus instrumentos
Este triumpho applaudirão.

"Mas Saul por invejoso
Não quiz a filha lhe dar
Senão com a condição
De cem Philisteus matar.

"Casou David finalmente
Sem haver mais argumentos,
Porque não só matou cem,
Mas matou mais de duzentos."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Desafio David Jonathas Hebreus Saul gigante Goliath castanheiros formidavel cajado Philisteús ursos funda.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

O gigante.—Quem era—sua estatura—seu escarneo dos hebreus—seu desafio.

Chegada de David ao campo.—Ouve fallar das fanfarronadas de Goliath—sentimentos—que recompensa teria—que armas levou.

O rapaz e o gigante.—Orgulho de Goliath—ataque do gigante—defesa de David—morte de Goliath—triumpho de David—ciumes de Saul—casamento de David.

LIÇÃO LVIII.

HISTORIA DE SANSÃO.

"Nasceu da tribu de Dan,
E por ser santificado
O seu nascimento foi
Por um anjo annunciado.

"Apparecendo a sua mãe,
Disse-lhe o anjo que havia

Ter um filho celebrado
Que Sansão se chamaria.

"Que não beberia vinho
Nem outra bebida; nada
Que lhe pudesse deixar
A cabeça perturbada.

"Nascido que foi Sansão
E com robustez criado,
Tudo se foi observando
Quanto Deus tinha ordenado.

"Jamais cortou os cabellos,
Vinho tambem não bebeu,
Ou coisa que o perturbasse
Todo o tempo em que viveu.

"Foi crescendo e foi sahindo
Entre toda a humana gente,
De forças incomparaveis
O mais forte e o mais valente.

"Pediu licença a seu pae,
Quando menos o imagina,
Para que o deixe casar
C'uma mulher philistina.

"Indo ver a sua esposa
N'uma certa occasião,
Veiu sahir-lhe ao encontro
Co' a erguida garra um leão.

"Pegou-lhe pelas guelas
E sem usar de outros laços,
Com as suas proprias mãos
O desfez logo em pedaços.

"Tres mil philisteus se juntão
Para apanhar a Sansão;
Prendem-no com effeito,
Porém foi preso á traição.

"Com grossas torcidas cordas
Lhe ligárão pés e braços;
Mas elle cobrando alento,
Tudo desfez em pedaços.

"Então a queixada inteira
De uma besta alli achando,
Mais de mil com ella mesmo
Pouco a pouco foi matando.

"Souberão os philisteus
Que Sansão se recolhia
Para a cidade de Gaza
Onde de noite dormia.

"Puzerão-lhe cerco em roda,
Sem que rumor se sentisse,
E ás portas para o matar
De manhã, quando sahisse.

"Mas Sansão que o presumiu,
Sem usar de mais cautelas,
Veiu ás portas, arrancou-as,
E foi sahindo com ellas.

"Pelo meio da emboscada
Sahiu com desembaraço,
Sem que ninguem se atrevesse
A ir suspender-lhe o passo.

"Andárão os philisteus
Procurando novos meios
De o apanhar por industria,
Porém sempre com receios.

"Até que por fim sabendo
Que elle amava uma mulher,
Que Dalila se chamava,
Forão-se d'ella valer.

"Offerecêrão-lhe dinheiro
Para saber com exacção
Onde a força consistia
Do valoroso Sansão.

"Com astucias carinhosas
A infiel o perseguia
Por lhe arrancar o segredo,
Que elle sempre lhe escondia.

"Tornou e tornou debalde
A perseguil-o outra vez,
Mas durou-lhe pouco tempo
A resistencia que fez.

"Um homem que nunca vira
O feio rosto de medo,
A tão perfidos enganos
Entrega o fatal segredo.

"Disse-lhe que em seus cabellos
Toda a força consistia,
Que si uma vez os cortasse
Promptamente a perderia.

"Não quiz ella mais ouvir;
E affectando grandes zelos
Assim que o sentiu dormindo
Fez-lhe cortar os cabellos.

"Acordou Sansão e viu
Que os philisteus o cercárão;
Prendêrão-no logo, e os olhos
Alli mesmo lhe arrancárão.

"N'uma atafona o mettêrão
Onde o fizerão andar
Muito tempo á roda d'ella,
Para mais o injuriar.

"Por fim a uma grande sala
Foi á força conduzido,
Para ser publicamente
Por todos escarnecido.

"Já neste tempo a Sansão,
Que nenhum refugio tem,
Tinhão crescido os cabellos,
E as suas forças tambem.

"Pediu logo que o puzessem,
A todos os que alli vinhão,
No meio de altas columnas,
Que esse edificio sustinhão.

"Depois se abraçou com ellas
Que facilmente tremêrão,
Cahindo em terra quebradas;
E todos alli morrêrão.

"D'aqui o proverbio vem,
O qual diz: Morra Sansão
Debaixo d'estas columnas
Com todos os que aqui estão.

"Eis aqui tens a historia
D'aquelle homem singular,
Que tão desgraçadamente
Veiu por fim acabar."

PALAVRAS NOVAS.

Pronuncia, orthographia, e significação das palavras.

Dan anjo Sansão exacção guelas despojo noivado enigma decifrava perfidia diabolico enredo queixada adusta Gaza robustez infernaes atafona refugio.

LINGUAGEM.

Assumptos para composição.

Força de Sansão.—A luta com o lião—com a queixada de um burro mata grande numero de inimigos—arranca as portas de Gaza e carrega com ellas—trahido—morre matando a todos os seus inimigos.

POESIAS PARA DECORAR.

A VIDA HUMANA.

Oh como é lindo
O tenro arbusto
Na primavera!
Como parece
Que se está rindo,
Quando o balança:
Zephiro brando;
Quando descansa
Sobre seus ramos
O passarinho
E modelando
Doces reclamos
Vai o ar visinho
Harmonisando!

. . . . . .

Mas eis que o adusto
Vento do norte,
Soprando forte,
Já o abala;
O tenro arbusto
Neste tormento
Todo se dobra;
A verde gala

Amarellece;
E o duro vento
Que em furia cresce,
Vai arrancando
Folha por folha,
E sobre a terra
Seccas lançando
Té que despido
O deixa emfim,
O tempo assim
Nos vai roubando
Gratos prazeres
Da tenra idade,
Quando amigos
A infancia tem;
Até que vem
A puberdade
Com seus perigos;
E desta sorte
Chega a velhice,
Tronco gelado
Desamparado;
Até que a morte,
Como um tufão,
Lança-o no chão.

D. J. G. MAGALHÃES.

A MANGUEIRA.

Já viste coisa mais bella
  Do que uma bella mangueira,
E a doce fructa amarella,
Sorrindo entre as flores della,
  E a leve copa altaneira?
Já viste coisa mais bella
  Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
  Se embalança o passarinho;
Todo é graça, todo amores,
Decantando seus ardores
  Á beira do casto ninho;
Nos seus alegres verdores
  Se embalança o passarinho!

O cansado viandante
  Á sombra della acha abrigo;
Traz-lhe a aragem murmurante,
Que lhe passa no semblante,
  Talvez o adeus de um amigo;
E o cansado viandante
  Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
  Todas as dores acalma;
Seja dor que o peito inflamma,
Ou voraz, nociva chamma
  Que nos mora dentro d'alma,
A sombra que ella derrama
  Todas as dores acalma.

A. Gonçalves Dias.

O VAGALUME.

Quem és tu, pobre vivente,
Que passas triste sosinho,
Trazendo os raios da estrella
Nas azas do passarinho?

A noite é negra, raivosos
Os ventos soprão do sul;
Não temes, doido, que apaguem
A tua lanterna azul?

Quando appareces, o lago
De estranhas luzes fulgura;
Os mochos voam medrosos,
Buscando a floresta escura.

As folhas brilhão, reflectem
Como espelhos de esmeralda;
Fulge o iris nas torrentes
Da serrania na fralda.

O grillo salta das sarças,
Pulão genios nos palmares
Começa o baile dos sylphos
No seio dos nenuphares.

A tribu das borboletas,
Das borboletas azues,
Segue teus gyros no espaço,
Mimosa gota de luz.

São ellas flores sem haste,
Tu és estrella sem ceu;
Procurão ellas a chamma,
Tu amas da noite o veu.

Onde vais pobre vivente,
Onde vais, triste, mesquinho,
Levando os raios da estrella
Nas azas do passarinho?

L. FAGUNDES VARELLA.

A ESMOLA DO POBRE.

Nos toscos degraus da porta
De igreja rustica e antiga,
Velha tremula e mendiga
  Implorava compaixão.
Quasi um seculo contado
De attribulada existencia
Eil-a, enferma na indigencia,
  Que á piedade estende a mão.

Duas creanças brincavão
Á distancia, na alameda;
Uma trajava de seda,
  Da outra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre,
Ambas loiras e formosas,
Nas faces a cor das rosas,
  Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os rogos,
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga,— e ao regaço
  Uma esmola lhe lançou.
Elle recebeu-a; e a creança,
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva
  Aos anjos encommendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida
Á creança mal vestida
  Disse a de rico trajar:—
"O prazer de dar esmolas
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado,
  Aos pobres, o que has de dar?"

Então a creança pobre,
Sem más sombras de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
  Da igreja se approximou:
E após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha
Descobrindo-se, ajoelha,
  E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada
Ao collo os braços lhe lança,
E beija a pobre creança
  Chorando de commoção!
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola;
Nem só da mão sae a esmola,
  Sae tambem do coração.

JULIO DINIZ.

O BRAZIL.

Os templos soberbos da Grecia formosa,
E os arcos de Roma, de Roma orgulhosa,
Não cobrem, não ornão meu patrio Brazil.
Estatuas não temos, primores das artes,
Mas temos os bosques por todas as partes,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

Os rios gigantes, as limpidas fontes,
As flores, os fructos, os prados, os montes,
Esmaltão, protegem meu patrio Brazil;
E o canto das aves na selva escutamos,
E o sol não tememos, e a sombra buscamos
Nas verdes palmeiras viçosas a mil.

As Venus, as Graças, os loucos Amores,
Celestes no marmor, na forma, nas cores,
Não temos, não temos no patrio Brazil;
Mas temos as virgens de olhar expressivo,
De rosto moreno, caracter altivo,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

E virgens, e homens, e bosques e mares,
E tudo o que vive na terra e nos ares,
É bello, é sublime no patrio Brazil;

Azul é o ceu, as florestas frondosas,
Valentes os homens, as virgens mimosas,
E as verdes palmeiras viçosas a mil.

AS BORBOLETAS AZUES.

Queres saber porque os poetas,
Que tanto gostão da luz,
Dizem-nos que as borboletas
Mais bonitas são azues?

Eu vou dizer-t'o sem medo
De infringir a lei vedada,
Desde que a coisa é segredo
Só para a gente inspirada:—

Deus, pretendendo de estrellas
Ornar o nocturno veu,
Pensou, e para fazel-as,
Deu uns piques pelo ceu.

E quando os furos se abrirão
Por onde jorrou a luz,
Desses recortes sahirão
As borboletas azues.

MORAES SILVA.

SETTA E CANTO.

(*Longfellow.*)

Soltei aos ares rapida setta,
Cahiu, mas onde não sei dizer;
Partiu tão celere que os seus vestigios
Seguir não pude, não pude ver.

Soltei plangente sentido canto
De interna lyra doce gemer;
O som queixoso sumiu-se ao longe
Mas não sei onde foi-se perder.

Achei a setta no duro tronco
De um roble intacta inda a tremer;
Achei meu canto n'um seio amigo,
Onde perfeito foi-se embeber.

THEOPHILO DIAS.

CONSELHO.

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.

Não dês a sorte,
  Que tanto illude,
  Sobre a virtude
Algum valor.

Tudo perece,
  Murcha a belleza,
  Foge a riqueza,
Esfria amor.

Mas a virtude
  Zomba da sorte,
  E até da morte
Disfarça o horror.

Brilha a virtude
  Na vida pura,
  Qual na espessura
Do lirio a cor.

Cultiva attenta,
  Filha mimosa,
  Sempre viçosa
Tão linda flor.

VISCONDE DA PEDRA BRANCA.

ANALYSE DE PALAVRAS

APPLICADA

AOS PRINCIPAES DERIVADOS DESTE LIVRO

PREFIXOS.

a, em.
des, não.
en, em.
epi, sobre.
ex, fora.
in, em.
per, por.
re, para traz, repetição.
sub, sob ou debaixo.

SUFFIXOS.

ado, tendo a qualidade de.
ando, que deve ser, aquelle que.
ar, indica o infinito da primeira conjugação
avel, que pode.
ear (verbo), frequentativo.
ecer (verbo), inchoativo.
eiro, producto, situação.
êta ou ête, diminutivo.
icar, frequentativo.
inho, diminutivo.
issimo, superlativo.
ivel, que pode.
mente, de modo.
mento, estado de ser.

or, aquelle que.
oso, cheio de.
ota, diminutivo.
ura, qualidade em abstracto.

Nota.— Lendo a analyse pronuncie-se o signal + "mais" e o signal = "igual a."

abundar + **ante** = que tem a qualidade de abundar.
a + **calente** + **ar** = fazer calente ou quente.
a + **campo** + **ar** = ficar n'um campo.
acto + **ar** = fazer acto.
a + **doce** + **icar** = fazer com que fique doce pouco a pouco.
a + **fundo** + **ar** = metter no fundo.
agasalhar + **ado** = tendo a qualidade de agasalho.
a + **grupo** + **ar** = fazer grupo.
alegre + **ar** = fazer alegre.
a + **longo** + **ar** = fazer longo.
a + **maduro** + **ecer** = ir ficando maduro.
amuo + **ado** = tendo a qualidade de amuo.
anno + **oso** = cheio de annos.
a + **ponto** + **ar** = fazer ponto ou mira.
a + **proprio** + **ado** = tendo a qualidade de proprio.
argila + **oso** = cheio de argila.
a + **tarefar** + **ado** = aquelle que tem tarefa.

bago + **aço** = residuo de muitos bagos.
bambo + **l** + **ear** = fazer bambo.
bello + **eza** = a qualidade de ser bello.
brado + **ar** = fazer brado.
broto + **ar** = fazer broto.

cabeça + eira = situação da cabeça.
carta + eira = lugar da carta.
castanha + eiro = producto da castanha.

des + em + terra + ar = pôr fora da terra.
dolor + oso = cheio de dôr.
des + pegar = o contrario de pegar.
delicado + eza = a qualidade de ser delicado.
deslumbrar + ante = o que deslumbra.
des + esperar + ada + mente = de um modo não esperado.
des + cobrir = o contrario de cobrir.
des + pedaço + ado = feito em pedaços.
des + em + barco + ar = sahir do barco.
dente + ada = que tem dentes.
des + cuido = sem cuidado.
des + cuido + oso = cheio de déscuido.
des + crença = sem crença.
des + folha + ar = fazer ficar sem folhas.

em + pilha + ado = feito em pilha.

lenha + d + or = que faz lenha.

magestade + oso = cheio de magestade.
maravilha + oso = cheio de maravilha.
medo + onho = que tem a qualidade de medo.
mar + inho = que pertence ao mar.

observar + ando = que observa.
occidente + al = do occidente.

parda + **c** + **ento** = um tanto pardo.
pobre + **eza** = a qualidade de ser pobre.
prisão + **n** + **eiro** = que está na prisão.
pavão + **n** + **ear** = fazer como o **pavão.**
penna + **acho** = penna grande.

roda + **ear** = fazer rodas.
ramo + **lh** + **ete** = pequeno **ramo.**

sub + **terraneo** = em baixo da terra.
sentir + **mento** = o estado de sentir.

terror + **ivel** = que faz terror.
tulipa + **eira** = producto da tulipa.

valia + **oso** = cheio de valia.
visco + **oso** = cheio de visco.

NOV 4 - 1943